



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA — UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO — PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO — PPGEN



LUELTA DOS SANTOS CARDOSO NEVES

EU TORCEDORA: COMPLEXIDADE E ENSINO NAS TORCIDAS ORGANIZADAS

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

2024

LUELTA DOS SANTOS CARDOSO NEVES

EU TORCEDORA: COMPLEXIDADE E ENSINO NAS TORCIDAS ORGANIZADAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ENSINO MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“EU TORCEDORA: COMPLEXIDADE E ENSINO NAS TORCIDAS ORGANIZADAS”

Autora: Luelta dos Santos Cardoso Neves

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por **Luelta dos Santos Cardoso Neves** e aprovada pela Comissão Avaliadora.

Data: 14/05/2024

COMISSÃO AVALIADORA

Documento assinado digitalmente
 **RENATO PEREIRA DE FIGUEIREDO**
Data: 14/05/2024 15:19:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo (UESB) Presidente
da Banca Examinadora/Orientador

Documento assinado digitalmente
 **HECTOR LUIZ RODRIGUES MUNARO**
Data: 17/05/2024 15:55:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Hector Luiz Rodrigues (UESB)
Examinador interno

Documento assinado digitalmente
 **UMBERTO DE ARAUJO MEDEIROS**
Data: 16/05/2024 07:55:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Umberto de Araújo Medeiros (UFERSA)

Documento assinado digitalmente
 **FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA**
Data: 14/05/2024 16:23:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESC)

N425e

Neves, Luelta dos Santos Cardoso.

Eu torcedora: complexidade e ensino nas torcidas organizadas. / Luelta dos Santos Cardoso Neves, 2024.

95 f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2024. Inclui referência F. 94 - 95.

1. Parceria entre o público e o privado na educação. 2. Programa Educar pra Valer. 3. Trabalho Pedagógico. I. Figueiredo, Renato Pereira de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino PPGEn.

CDD: 370.14

*Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

“Homens não matam apenas à sombra de suas paixões, mas também à luz de sua racionalização”.

Edgar Morin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que criou a família e me fez ser parte de uma, me proporcionando o sopro de vida. A Jesus, que nunca desistiu de mim. Ao Espírito Santo, meu companheiro em todos os momentos.

Agradeço aos meus pais, Luiz e Juelita, pelo esforço e amor dedicados em toda a minha vida, vocês são minha maior inspiração. Obrigada por terem me ensinado, com ou sem palavras, as coisas mais importantes da vida. Agradeço também à minha irmã Geisa, que sempre me incentivou e compartilhou momentos inesquecíveis comigo.

À Juan, meu amado esposo que soube compreender as ausências e demonstrou apoio irrestrito em toda a minha trajetória.

Agradeço ao Professor Renato Pereira, meu orientador, pelas trocas (presenciais e à distância) e pelo apoio e disponibilidade em todas as etapas da construção desta dissertação. Agradeço também pela sensibilidade, por perceber e compreender minhas escolhas.

Agradeço o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/Brasil) pelo financiamento de meus estudos durante parte desse processo.

Agradeço aos professores Hector Munaro e Umberto Medeiros pelas contribuições na qualificação do meu projeto de pesquisa, pelos valiosos encaminhamentos que muito contribuíram para a construção de um olhar mais apurado e crítico. Agradeço também por aceitarem fazer parte da banca de defesa, juntamente com o professor Felipe Marta, a quem também sou muito grata.

Aos colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC), pelas leituras compartilhadas e imensas contribuições na escrita desta dissertação.

Agradeço ao querido colega Ramon Pelegrine, pela valiosa colaboração desde o início desta caminhada, quando eu ainda sonhava em retornar ao ambiente acadêmico. Obrigada por me presentear com tamanha bondade e sabedoria. Também agradeço aos demais colegas de trabalho que, de alguma forma, contribuíram para meu sucesso. Meu muito obrigada!

Ao professor e coordenador, Benedito Eugênio e aos demais professores do programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEEn), por seus ensinamentos e por terem instigado diversas reflexões.

Minha gratidão aos mestres que vieram antes de mim, e aos que ainda se encontram nesse plano, vocês são fontes de onde posso beber da exuberante sabedoria. Em especial, agradeço ao centenário Edgar Morin que continua nos presenteando com tamanha bondade e sabedoria.

A todas as pessoas que ajudaram nesta minha pesquisa, meu muito obrigada!

RESUMO

Nesta pesquisa, investigo a interligação entre as experiências pessoais enraizadas na minha paixão pelo futebol e o potencial de aplicação dessas vivências. Inicialmente, exploro a linguagem metafórica associada ao Eros e Tântatos, enquanto estratégia para evidenciar a complexidade na relação estudante e torcedor no processo ensino aprendizagem, para tanto, recorro aos princípios apresentados por Edgar Morin em sua epistemologia da complexidade. Retomo, com vívidas emoções, as memórias afetivas da minha infância, especialmente às ligadas ao time do Flamengo, dada a intensa conexão emocional que sempre mantive com esse time. Compartilho também a realização marcante do meu desejo de assistir a uma partida no emblemático Estádio do Maracanã, ressaltando a experiência profundamente integradora e os sentimentos de pertencimento compartilhados com a sua torcida. Minha pesquisa busca compreender essa relação — ao mesmo tempo equivalente e antagônica — que existe nas torcidas e como isso pode ajudar na formação em mim e por meio de mim. Enfatizo a importância da identificação subjetiva, da imersão emocional e da interligação de saberes. Nesse contexto, encontro inspiração na dinâmica das torcidas organizadas e na filosofia do Pensamento Complexo. Essa abordagem desafia os paradigmas tradicionais e realça a profundidade das relações humanas e a complexidade.

Palavras-chave: Ensino; Pensamento Complexo; Torcida organizada.

ABSTRACT

In this research, I investigate the interconnection between personal experiences originated by my passion for soccer and potential application of those experiences. Firstly, I explore the metaphorical language associated with Eros and Thanatos as a strategy to highlight the complexity in relation to student and fan, in the teaching-learning process based on principles presented by Edgar Morin in his epistemology of complexity. I recall with vivid emotions affective memories of my childhood, especially those linked to the Flamengo team, showing the intense emotional connection I have always kept. I also share the remarkable achievement of my desire to watch a match at the emblematic Maracanã Stadium, highlighting the deeply integrating experience and feelings of belonging shared with its fans. My research seeks to understand this simultaneously equivalent and antagonistic relationship that exists in fans and how that can help in training in me and through me. I emphasize the importance of subjective identification, emotional immersion and the interconnection of knowledge. In that context, I find inspiration in dynamics of organized fans and in the philosophy of Complex Thinking. This approach challenges traditional paradigms and points out the depth of human relationships and complexity.

Keywords: Teaching; Complex Thinking; Organized fans.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Sala de aula multisseriada da minha mãe*	24
Figura 2 — Fazenda onde eu nasci e morei quando criança*	25
Figura 3 — Eu em frente ao ônibus antes de viajar para assistir pela primeira vez o jogo do Flamengo no Maracanã	35
Figura 4 — Eu no Maracanã pela primeira vez.....	37
Figura 5 — Foto com meu pai quando criança na fazenda	38
Figura 6 — Torcedor com um rádio ao “pé do ouvido”	39
Figura 7 — Jogadores em campo no Maracanã.....	40
Figura 8 — Desenho autoral representando a torcida do Flamengo.....	48
Figura 9 — Desenho autoral representando a torcida do Flamengo.....	52
Figura 10 — Apresentação teatral para crianças e adolescentes	67
Figura 11 — Apresentação de trabalhos em uma quadra de esportes.....	74

SUMÁRIO

1 EU TORCEDORA.....	11
2 NO QUINTAL DE NOSSA CASA! NO TEMPO DE EROS.....	23
2.1 A mudança para cidade	31
3 TORCIDAS ORGANIZADAS: NO TEMPO DE TÂNATOS	48
4 POSSIBILIDADES PARA O BOM ENSINO.....	66
TERCEIRO TEMPO	92
REFERÊNCIAS	93

1 EU TORCEDORA

Ao longo dos séculos, as mitologias têm presenteado a humanidade com figuras icônicas que transcendem o tempo e a cultura. A mitologia grega, em particular, oferece um rico universo de histórias e personagens que refletem diversos aspectos da vida humana e do mundo que nos rodeia. Dois desses personagens, Eros e Tânatos, representam os extremos da existência humana — o amor e a morte — e são frequentemente associados como indissociáveis.

Eros, filho de Afrodite, personifica o amor e a paixão na mitologia grega. Representado como um jovem alado, ele é conhecido por seu arco e flechas, que têm o poder de unir as pessoas, despertar o desejo e a paixão entre os seres humanos. Eros é reverenciado como um agente capaz de influenciar, até mesmo, os deuses, exercendo um poderoso impacto na vida das pessoas. Sua essência ressoa como uma força motriz em inúmeras histórias de amor e desejo, mostrando como o poder do amor prevalece no universo mitológico.

Tânatos, o deus da morte, representa o domínio do instinto da morte sobre o instinto da vida. Ele é frequentemente retratado como um homem sombrio e pálido, vestindo uma capa escura e carregando uma foice. Tânatos personifica o ciclo natural da existência humana, segundo o qual todos estão destinados a morrer em algum momento. Ele é visto como um ser necessário para equilibrar a ordem do universo.

Foi o neurologista e psiquiatra austríaco, precursor da psicanálise, Sigmund Freud, que escreveu em sua obra *Além do princípio do prazer* (1920), algo que transcendeu a mitologia. Ele usou Eros e Tânatos para explicar a psicologia humana de pulsão do prazer e da morte ou destruição. Nessa narrativa, Eros busca refúgio em uma caverna para descansar e se refrescar após uma longa caminhada. Sem perceber, deita-se descuidadamente no chão e suas flechas do amor caem no chão. Acontece que a caverna onde estava era habitada também por Tânatos e suas flechas também se encontravam espalhadas no chão. Ao acordar, Eros se vê incapaz de distinguir suas próprias flechas das de Tânatos, dada a aparência de ambas, assim, leva consigo algumas flechas do deus da morte e deixa algumas das suas para trás.

Freud (1998) desenvolveu teorias a respeito da construção psíquica humana. Para o autor, todos os nossos processos mentais se dão de forma encadeada, logo, nenhum dos nossos pensamentos ou lembranças acontecem isoladamente, pois sempre existirá um elo que liga os eventos mentais atuais a outros que ocorreram anteriormente.

A história não faz parte dos mitos clássicos gregos, mas foi construída de forma simbólica para representar a fusão e a confusão entre os impulsos de amor e morte, uma concepção central na perspectiva freudiana sobre a *psiqué*. Freud (1998) argumentava que a interação e a sobreposição desses impulsos eram fundamentais para entender a complexidade da mente humana e os conflitos que surgem na psicologia individual. O autor aponta em seu livro *Além do Princípio de Prazer* que:

[...] o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide em uma redução dessa tensão. Isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer [...] as impressões subjacentes à hipótese do princípio de prazer são tão evidentes, que dificilmente podem ser desprezadas. Por outro lado, prontamente expressaríamos nossa gratidão a qualquer teoria filosófica ou psicológica que pudesse informar-nos sobre o significado dos sentimentos de prazer e desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós (Freud, 1998, p. 9).

Eros é o impulso básico que nos move a explorar e a experimentar o mundo, enquanto Tânetos é a nossa vontade destruidora e agressiva. Embora esses deuses possam parecer opostos, há uma profunda indissociabilidade entre eles. Como dois lados da mesma moeda, a vida e a morte estão intrinsecamente ligadas e dependentes uma da outra.

Essa confluência pode ser observada em várias manifestações da vida. O amor, por exemplo, pode ser responsável por momentos de alegria e de celebração, como em uma torcida de futebol que vai ao estádio festejar com o seu time de coração. Ao mesmo tempo, o amor também pode ser responsável por causar dor e sofrimento, na medida que os torcedores se sentem insatisfeitos com algo e partem para a violência.

Essas dualidades e confluências já estão presentes no hino do flamengo, lançado em 1950, com o título *Marcha do Flamengo*, cujo compositor, Lamartine Babo, deixou evidente essas duas dimensões quando diz:

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo
 Flamengo sempre eu hei de ser
 É meu maior prazer vê-lo brilhar
 Seja na terra, seja no mar
 Vencer, vencer, vencer!
 Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer!

Na regata, ele me mata
 Me maltrata, me arrebatou
 Que emoção no coração!
 Consagrado no gramado
 Sempre amado, o mais cotado
 Nos Fla-Flus é o Ai, Jesus!

Eu teria um desgosto profundo
 Se faltasse o Flamengo no mundo
 Ele vibra, ele é fibra
 Muita libra já pesou
 Flamengo até morrer eu sou!
 (Albin, 2002, n/p.).

É importante reconhecer que a morte também pode ser vista como um reflexo do amor. Quando alguém que amamos morre, sentimos uma profunda tristeza e dor, pois perdemos a conexão física com essa pessoa. No entanto, é o amor que nos permite lidar com essa perda e a enfrentar com resignação e esperança, sabendo que as memórias e o legado continuam vivos dentro de nós, e que esse é o final de todos os seres.

O amor expressado por um grupo, em determinados momentos de êxtase, é capaz de reduzir as tensões individuais ou coletivas. Conforme afirma Freud (1998, p. 26), “a perda do amor e o fracasso deixam atrás de si um dano permanente à autoconsideração, sob a forma de uma cicatriz narcisista”, esse princípio se manifesta ou é inibido com certa regularidade. O mesmo autor, ao descrever o comportamento mental constata que:

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter

prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer (Freud, 1998, p. 12).

Eros e Tânatos, segundo a concepção freudiana, também podem ser vistos em nossa relação com a natureza e o mundo ao nosso redor. A vida e a morte estão presentes em todos os aspectos da natureza, desde o ciclo das estações até a cadeia alimentar. Essa interdependência entre a vida e a morte é o que mantém o mundo natural. Eros busca unir as pessoas por meio do amor e da paixão, enquanto Tânatos está determinado a alcançar a destruição.

Conforme aponta o mestre em filosofia, Brumano (2002), a oposição entre natureza e cultura é algo insolúvel na teoria de Freud. O autor afirma que “A cultura exige o sacrifício tanto da sexualidade quanto do impulso agressivo das pessoas, e, ainda que a sociedade passe por reformas que permita uma melhor satisfação das necessidades pulsionais, há perigos que são inerentes à cultura” (Brumano, 2002, p. 116). Essa dicotomia entre amor e aniquilação destaca a complexidade da vida e suas respectivas visões sobre o universo.

Ao explorar a indissociabilidade entre a harmonia e o caos, percebo como essas figuras mitológicas trazem à tona temas universais como o amor e a morte, ou mesmo a compreensão da condição humana. Ambos têm um profundo impacto sobre suas respectivas narrativas, influenciando o curso da existência. Para Brumano (2002), a sociedade está intrinsecamente ligada com a luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, e esta condição irá de alguma forma,

[...] selar o destino da civilização – rumo ao progresso ou rumo à desintegração total. A satisfação dos instintos primitivos é a fonte da maior gratificação possível para o indivíduo, satisfazer sua tendência a agressão é fonte de muito prazer para o indivíduo, no entanto, a satisfação dos desejos ligados àquela tendência primordial à agressão causam destruição, aniquilação, morte, genocídios, sofrimento para o próprio indivíduo e para demais membros da sociedade (Brumano, 2002, p. 116).

Freud (1998), ao relacionar o comportamento mental com a pulsão de vida ou morte menciona que temos a tendência de uma ideia sistemática, e todos os nossos processos mentais estão interligados, unindo eventos mentais atuais com outros ocorridos no passado. “O que a consciência produz consiste essencialmente em percepções de excitação provindas do mundo externo e de sentimentos de prazer

que só podem surgir do interior do aparelho psíquico” (Freud, 1998, p. 31). Deste modo, podemos avaliar o inconsciente como sendo a parte mais profunda da nossa consciência, nesse local ocorrem processos mentais que talvez nunca possam ser acessados pela consciência, são as informações que foram excluídas do consciente, podendo ser pulsões de vida ou de morte.

Neste momento, trago para dialogar conosco, o psicanalista e psiquiatra Nasio (1999) com sua obra *O prazer de ler Freud*, onde ele diz que, em suma:

O novo conceito introduzido por Freud com a segunda teoria das pulsões foi o da compulsão à repetição no tempo. A exigência de repetir o passado doloroso é mais forte do que a busca do prazer no acontecimento futuro. A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, a pulsão das pulsões; já não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu (Nasio, 1999, p. 71).

Tomando como ponto de partida tais afirmações, é possível dizer que as pulsões de vida e morte têm fontes de energia com diferentes objetivos e diferentes investimentos de potencial energético aplicado. Concordando com o autor, assim, é possível compreender que durante os momentos positivos é possível experimentar com maior intensidade os efeitos da pulsão de vida, já nas situações em que precisamos atravessar os momentos dolorosos ou traumáticos, serão ativados os mecanismos da pulsão de morte. Tais pulsões tentam restabelecer uma situação que ocorreu anteriormente e que é essencial para o sentimento de prazer e desprazer.

Para além de sua diferença, tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam restabelecer um estado anterior no tempo. Seja a pulsão de vida, que, ligando os seres e as coisas, aumenta a tensão, seja a pulsão de morte, que aspira à calma e ao retorno a zero, ambas tendem a reproduzir e a repetir uma situação passada, quer tenha sido agradável ou desagradável, prazerosa ou desprazerosa, serena ou agitada (Nasio, 1999, p. 70-71).

Segundo Nasio (1999), é comum pensar que a pulsão de morte está relacionada apenas a questões traumáticas e violentas, mas essa ideia é esclarecida pelo fragmento a seguir.

A “morte” que rege essas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a encontrar a calma da morte, o repouso e o silêncio. É verdade que podem também estar na origem das mais

mortíferas ações, quando a tensão busca aliviar-se no mundo externo. Entretanto, quando as pulsões de morte permanecem dentro de nós, elas são profundamente benéficas e regeneradoras. (Nasio, 1999, p. 70).

As pulsões de vida e de morte compartilham traços em comum, que é a tendência de redirecionar os fatos ao estado anterior, uma compulsão a repetir, sendo essa uma pulsão primária. No caso da pulsão de vida, há o aumento da tensão quando se liga as coisas e os seres. No caso da pulsão de morte, ela tende a trazer a inércia das coisas.

Nos dois casos a tendência é reincidir uma situação que, em algum momento, tenha sido confortável ou desconfortável, aprazível ou desagraciosa, pois, “já não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu. O desejo ativo do passado, mesmo que o passado tenha sido ruim para o eu, explica-se por essa compulsão a retomar o que não foi concluído, com vontade de completá-lo” (Nasio, 1999, p. 71).

Numa busca do ser para se sentir bem, ao se deparar com uma situação de prazer ou desprazer, a tendência, por vezes, é o adiamento da satisfação, de maneira que o sistema psíquico tenha uma reação ao impulso das forças que se originam no interior do corpo com a finalidade de informar ao aparelho mental tal situação, com isso, os instintos serem controlados.

Nesse ponto, cabe dizer que os seres são obra de acontecimentos e marcas deixadas em cada um de nós, por outros seres e coisas que, em algum momento de nossa existência, amamos fortemente, seja esse momento presente ou passado. Nas palavras de Nasio (1999, p. 84): “[...] os seres e as coisas com os quais nos identificamos. Então, quem sou eu? Sou a memória viva daqueles que amo hoje e daqueles que amei outrora e depois perdi. A identificação é aquilo que me faz amar e ser o que sou”.

Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo, considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos do campo de estudos da complexidade, afirma que: “o homo é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histérico, possuído por seus sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser homo complexus” (Morin, 2007, p. 140).

É impossível conceber a unidade complexa dos humanos em função de um pensamento disjuntivo. Somos povos originários do cosmo, biológico e cultural,

somos um povo pertencente a uma unidade com suas múltiplas diversidades. Assim, as interações entre os inúmeros indivíduos é que irão produzir a sociedade, e esta, retroagindo sobre a cultura e sobre os indivíduos, torna-os propriamente humanos. Desta forma, conforme aponta Morin (2002, p. 52), “[...] a espécie produz indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro”.

Diante dessa dupla articulação, é preciso reconhecer que existem elementos que unem o *Sapiens/demens* e que o ser humano não vive só de racionalidade.

O ser humano é bipolarizado entre *demens* e *sapiens*. Mais ainda, *sapiense* está em *demens* e *demens* está em *sapiens*, em *yin yang*, um contendo o outro. Entre ambos, antagônicos e complementares, não existe fronteira nítida; há, sobretudo, eflorescências da afetividade, da estética, da poesia, do mito. Uma vida totalmente racional, técnica e utilitária seria não apenas demente, mas inconcebível. Uma vida sem nenhuma racionalidade seria impossível (Morin, 2002, p. 141).

Existe um circuito de relações interdependentes e retroativas, complementares e antagônicos, mesmo que em determinados momentos seja possível escapar das normas, daí, às vezes, ocorrem as rupturas e novas ideias surgem, com e por causa das loucuras humanas favorecendo o desenvolvimento da espécie humana. “O sacrifício é, sem dúvida, o ato, ao mesmo tempo, mais neurótico e mais mágico do *homo sapiens-demens*” (Morin, 2002, p. 143).

Segundo a perspectiva do filósofo e ensaísta sul-coreano Byung-Chul Han, em seu livro *Agonia do Eros*, existe uma necessidade de se relacionar com o outro, se radicando para além do poder. Para Han (2017), o amor é uma experiência radical, de modo que é preciso o esvaziamento de si, para que o encontro com o outro ocorra.

O Eros arranca o sujeito de si mesmo e direciona-o para o outro. [...] O sujeito de hoje, voltado narcisicamente ao desempenho, está à busca de um sucesso. Sucesso e bons resultados trazem consigo uma confirmação de um pelo outro. Ali, o outro, que é privado de sua alteridade, degrada-se em espelho do um, que confirma a esse em seu ego. Essa lógica de reconhecimento enreda o sujeito narcisista do desempenho ainda mais profunda em seu ego (Han, 2017, p. 7).

De acordo a perspectiva do autor supracitado, o amor é vislumbrado como uma experiência de excesso e transformação, por isso a domesticação dele nos leva

a querer apenas o igual a nós, com isto, nos tornamos escravos da mera vida e passamos apenas a sobreviver com a falsa ilusão de liberdade, no entanto, na realidade, trata-se de uma reação diante da morte advinda do amor.

[...] o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submisso a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quiçá por decisão pessoal. O explorado é ao mesmo explorador. A gente é vítima e algoz ao mesmo tempo. A autoexploração é muito mais eficiente do que a exploração alheia, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. É possível assim haver exploração, mesmo sem dominação (Han, 2017, p. 12).

Desta forma, nas palavras do filósofo Han (2017 p. 13), o ser se torna escravo e “cego para ver aquela violência da liberdade que está na base da auto exploração”. Essa intensa busca pela realização pessoal e obtenção de sucesso faz com que o amor seja positivado numa fórmula de posse.

Ele precisa gerar sentimentos agradáveis. Ele não é uma ação, uma narração, nem sequer é mais um drama; antes, não passa de emoção ou excitação inconsequente. Está livre da negatividade da vulneração, do assalto ou da derrocada. [No amor], decair já seria muito negativo. Mas é precisamente essa negatividade que perfaz o amor: “O amor não é uma possibilidade, não é devido a nossa iniciativa; ele é sem razão, ele se precipita sobre nós e nos fere”. A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão (Han, 2017, p. 15).

É bem verdade que a sociedade do desempenho e da contemporaneidade se mostra cada vez mais indisposta a lidar com alteridades, logo, há uma ausência de experiências com o que é diferente. O Eros é o acesso dessa alteridade, para que o ser saia desse fechamento em si mesmo e se direcione para o outro. Essa abertura pode ser uma experiência rica, tirando o indivíduo de uma tendência narcisista e depressiva. Conforme aponta Han (2017, p. 7), “O Eros, ao contrário, possibilita uma experiência do outro em sua alteridade, que o resgata de seu inferno narcisista”

Partindo da visão dos autores relacionados até o momento, percebo que assim como os personagens míticos utilizados por Freud são inseparáveis, a vida não pode existir sem a morte. Ambos os aspectos são parte intrínseca de uma jornada complexa, dando sentido e propósito. A busca pelo prazer pode desencadear situações de vida agradáveis, ou de dor extrema e desagradáveis, com repetições que, por sua vez, implicam no princípio da morte.

Os autores ora mencionados argumentam que o ser humano, assim como o Eros e o Tânatos, são seres multifacetados, podendo ser interpretados de várias formas. Neste trabalho, os mitos de Eros e Tânatos servem como trilhos condutores para minha pesquisa. Eros, para mim, significa união e se relaciona com alguns momentos das pulsões de agregação que ocorrem em uma torcida organizada, em uma família, em uma escola. Por outro lado, o Tânatos vai simbolizar a expressão de desunião, desagregação. Sobre eles, exponho dois momentos distintos. No primeiro momento, denominado "No quintal de nossa casa (no tempo de Eros)" apresento um pouco da minha história. Da infância vivida em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, até me tornar uma torcedora apaixonada pelo time do Flamengo e assistir a uma disputa no Estádio do Maracanã. Esse é, para mim, um tempo de Eros.

No segundo momento, abordo as torcidas organizadas no tempo de Tânatos, como elas se iniciaram no Brasil. Também abordarei um pouco das histórias, aspectos visuais, músicas e interações sociais próprias de uma torcida organizada e como isso se dá ao longo do tempo e manipula as massas. Traço um paralelo com o filme *A onda* e as possibilidades de as emoções moldarem nossas ações, sejam elas positivas ou negativas. O filme retrata as semelhanças com a torcida organizada em que identidades visuais, o pertencimento ao grupo e as aceitações de regras podem representar uma pulsão de Eros ou Tânatos, servindo como exemplo para revelar a facilidade de organizar as pessoas em torno de um ideal, de um propósito.

A mensagem que quero passar é que existe a possibilidade de religar esses dois extremos, compreendendo que existem dois lados de uma mesma moeda. Para que essa religação ocorra é preciso atravessar as fronteiras existentes e integrar os sujeitos, pois tudo está interligado e sendo tecido junto, logo, aquilo que foi outrora separado, fragmentado, desunido tem uma possibilidade de ser reinterpretado, religado, rejuntado.

O meu quarto capítulo está intitulado *Possibilidade para o bom ensino*. Para tratar desse bom ensino, uso como base o livro *Bom entretenimento* (2019), do autor Byung-Chul Han e os livros do autor Edgar Morin, *O método 6: ética* (2005), *A VIA para o futuro da humanidade* (2013) e *“É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus* (2020). Relacionarei esse bom entretenimento (Eros) com o que eu vi do mau entretenimento (Tânatos). Esse capítulo servirá para eu tratar dos fatos

ocorridos nos capítulos anteriores em uma Torcida organizada, à luz da boa educação como uma metáfora.

Para a empreitada de todo o meu trabalho, também utilizo obras de autores que serão meus aliados. O neurobiólogo Humberto Maturana, um chileno, crítico do realismo matemático e um dos criadores da teoria da autopoiese e da biologia do conhecer. Para tanto, destaco as obras *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana* e *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, ambas publicadas em (2001).

Outros importantes referenciais teóricos que também alicerçarão este meu trabalho serão as do sociólogo Edgar Morin, com os livros, *O método 5: a humanidade da humanidade* (2002), *Introdução ao pensamento complexo* (2007) *A cabeça bem feita* (2017), *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação* (2015), *Para sair do século XX* (1986) e *Cultura de massas no século XX* (1967).

Recorro à antropóloga e pesquisadora Maria da Conceição de Almeida, particularmente em sua obra *Ciências da Complexidade e Educação - Razão Apaixonada e Politização do Pensamento* (2012). Também utilizo o livro do filósofo Byung Chu Han intitulado, *Agonia do Eros* (2017) além do já mencionado anteriormente. Com a autora Rosana da Câmara Teixeira exploro o livro intitulado: *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas* (2004). Já com o antropólogo Luiz Henrique Toledo, utilizo a obra: *Torcidas organizadas de futebol* (1996).

Outros autores que fazem parte dessa minha escrita são, Nelson Falcão Rodrigues, que foi um escritor, jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro, além de Mário Leite Rodrigues Filho, mais conhecido como Mário Filho, que também foi um jornalista, cronista esportivo e escritor brasileiro. Desses autores utilizo a obra *FLA-FLU... e as multidões despertam* (1987).

As ideias de interconexão entre sujeito e objeto, a comunidade coesa da torcida organizada e a rearticulação dos saberes podem ser aplicadas à sala de aula e ao processo de ensino, visto que é possível construir possibilidades para o bom ensino por meio da perspectiva complexa da nossa condição humana e da indissociação de Eros e Tânatos. Para isso, cabe mostrar que essa percepção de Eros e Tânatos pode se dá por uma perspectiva complexa da educação, na qual o envolvimento emocional, o pertencimento do grupo e a relação entre os diversos acontecimentos podem vazar para o conhecimento.

Portanto, essa visão de mundo, enraizada na dualidade da vida e da morte, pode contribuir para uma formação contínua.

Imergir nessa jornada pode representar também uma busca pelo autoconhecimento e pela interação com o próximo, com isso, mudar paradigmas antigos, estimulando um pensamento criativo que vai além do convencional. Nesse percurso, surgem chances de explorar diversos significados que se entrelaçam com a vida e suas contingências, influenciando minhas perspectivas, muitas vezes não compreendidas por métodos de pesquisa usuais. Significa dizer que o labor será fácil? De modo algum. Mas é evidente que, assim como as mazelas estão escancaradas diante de mim, buscarei encontrar caminhos outros à educação significativa e complexa.

Assim sendo, tomo como matriz de operadores cognitivos as vivências de uma torcida organizada, que permite a pesquisa transcender além da mera associação ao esporte, revelando expressões genuínas de identidade que não se desconectam de suas raízes e conexões. Em outras palavras, considero a torcida organizada como o grupo que se encontra enredado a suas histórias e heranças. Mesmo que cada indivíduo tenha sua própria história de vida e uma perspectiva única sobre o fenômeno da torcida, todos fazem parte da mesma paixão, todavia, não são todos iguais. Isso cria um ambiente de pluralidade de sentimentos humanos dentro das arquibancadas. Cada torcedor carrega consigo sua história pessoal, suas emoções e suas experiências que, inevitavelmente, são diferentes dos outros.

Esses operadores cognitivos constituem as ferramentas que serão empregadas para a minha investigação dos fenômenos, sob o prisma da complexidade. Um operador cognitivo assume a função de reestabelecer as interligações do conhecimento, ao mesmo tempo em que explicita e analisa os princípios complexos subjacentes a um fenômeno específico, configurando-se como uma estratégia argumentativa.

Perpassando a Teoria do Pensamento Complexo, delineio a oportunidade de entrelaçar as esferas de conhecimento presentes na torcida de futebol, de maneira congruente com o ensino das ciências, uma vez que é inviável dissociar o sujeito cognoscente do objeto do conhecimento. Essa pesquisa se desenvolve como uma jornada introspectiva que explora as experiências pessoais que moldaram minha trajetória até aqui. Dessa forma, revela a impossibilidade de separar o sujeito do objeto, reforçando a conexão entre experiência pessoal e conhecimento. Exploro a

torcida organizada como uma fonte de aprendizado, vinculando-a ao ensino, destacando a importância da identificação e do pertencimento como estratégias para a rearticulação dos saberes no “grande estádio” da educação.

Vale ressaltar que a investigação é um primeiro passo em um caminho contínuo. A complexidade do objeto exige uma análise cuidadosa e aprofundada. Assim, embora esta análise não possa abarcar todas as nuances do tema, ela lança luz sobre uma área empolgante de exploração. Meu objetivo é seguir adiante, a fim de contribuir para um entendimento mais abrangente das conexões entre educação, ciências e, até mesmo, os aspectos socioculturais que permeiam nossas vidas.

Este trabalho, é uma pesquisa feita em razão dos mesmos pressupostos existentes no Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino e Conhecimento Científico (GEPECC), cujo propósito é religar a cultura científica com a cultura humanística, utilizando os preceitos básicos de Edgar Morin com a teoria da complexidade, segundo a qual, o ser revela uma dupla condição humana do *sapiens* e *demens*. Tais condições são constantemente flechadas por Eros e Tântatos. Reconhecer essa ambiguidade é fundamental para avançarmos na jornada complexa, religando e problematizando o caminho com estratégias diversas que nos permite a compreensão dos fatos e obstáculos.

O ser humano tem a capacidade de criar relações e interligar os fatos, no entanto, com as ciências se hiperespecializando, ficam cada vez mais fragmentados os saberes, assim, fica mais difícil de relacionar uns com os outros. Faz-se necessário situar cada elemento em seu contexto, desta forma, será possível perceber que todas as coisas estão interligadas. “O desafio da complexidade reside no duplo desafio da religação e da incerteza. É preciso religar o que era considerado como separado. Ao mesmo tempo, é preciso aprender a fazer com que as certezas interajam com a incerteza (Morin, 2009, p. 63).

A fragmentação é capaz de diluir aquilo que é real nas mentes humanas. O obstáculo é produzir uma compreensão capaz de religar os saberes, buscando um entendimento de que tudo é complexo, para só então darmos conta de articular os saberes entre si, solucionando problemas universais que, muitas vezes, compromete os aspectos basilares. “A missão primordial do ensino supõe muito mais aprender a religar do que aprender a separar, o que, aliás, vem sendo feito até o presente. Simultaneamente é preciso aprender a problematizar” (Morin, 2009, p. 68).

2 NO QUINTAL DE NOSSA CASA! NO TEMPO DE EROS

Esta pesquisa é concebida como uma jornada introspectiva que busca estabelecer uma conexão intrínseca entre minhas experiências pessoais e a investigação acadêmica empreendida. As experiências vividas ao longo da trajetória estão profundamente enraizadas nas recordações pessoais, muitas vezes, emergindo vividamente. A exploração dessas reminiscências desencadeia um reencontro no âmbito do meu próprio processo formativo, um processo caracterizado pela coexistência de vitórias e derrotas, sucessos e fracassos, equívocos e acertos, bem como alegrias e tristezas, todos os quais têm contribuído para a minha autoformação.

Baseando-me em toda a conjuntura que pude vivenciar ao longo da vida, é surpreendente quando dou conta de que este reencontro com meu ser, minha história e minhas emoções, se deu em função de um contato íntimo com as experiências biológicas. Todavia, tais experiências não apenas incluem todos os caminhos percorridos em minha trajetória, mas, também, aquelas advindas do convívio com um pai agricultor, apaixonado pela natureza que, com amor, relata experiências de vida, assim como pelo convívio com uma mãe professora.

Portanto, essa empreitada está recheada de experiências com meu pai Luiz Sampaio, que frequentou estádios de futebol durante sua juventude e mantém uma vasta memória dessas partidas, um guardião de histórias do futebol, incansável narrador dos fatos que ele presenciou nos estádios, e que tem o prazer de contar as suas vivências.

Foram muitos os questionamentos feitos à minha mãe Juelita (Figura 1, a seguir), que é minha grande referência na educação. Tê-la como professora foi um dos maiores privilégios que tive enquanto estudante do ensino fundamental, quando havia oportunidade, ela não desperdiçava e sempre trazia algo para enriquecer o conhecimento e aguçar a imaginação. Certamente, essa dedicação imprimida por minha mãe ao ensino me impulsionou para me tornar professora e amar o ensino. Meus pais tiveram a sabedoria de adotar um método de ensino que contrariava os padrões daquela época comigo e com a minha irmã Geysa.

Figura 1 — Sala de aula multisseriada da minha mãe*



Fonte: arquivo pessoal.

*Destacado em laranja minha mãe, já de azul sou eu e minha irmã.

Desde meu nascimento, como não havia quem ficasse comigo em casa, meu pai tratou logo de fazer um berço de madeira e levar para a escola. Eu cresci na fazenda em meio a livros, barulho da sala de aula, sala dos professores, corredores lotados de alunos e brincadeiras no intervalo. Minha mãe se empenhava em desenvolver em cada um de seus alunos, o que tínhamos de melhor, proporcionando apoio incondicional e estímulos constantes.

Quando eu tinha, aproximadamente, oito ou nove anos de idade, não sei ao certo, meus pais já haviam percebido o meu agudo interesse pelo ensino. Assim, estimulavam a minha criatividade, a fim de me motivar cada vez mais. Sentavam-se comigo e minha irmã para nos ensinar a ler, escrever, imaginar, desenhar etc. Sempre valorizando os nossos talentos naturais. Essa atenção e cuidado foram cruciais para nós.

Quando percebiam uma paixão por determinado assunto, havia incentivo para internalizar o máximo possível a respeito do tema. O pessoal que me conhecia já sabia o meu gosto por ensinar os colegas as tarefas de casa e, claro, a paixão pelo futebol, que sempre se fazia presente nas conversas. Meu pai se incumbia de contar os detalhes sobre partidas de futebol com todo cuidado e atenção, isso fez uma

profunda diferença na minha vida. A Figura 2, a seguir, é um registro da fazenda onde nasci e morei durante a infância.

Figura 2 — Fazenda onde eu nasci e morei quando criança*



Fonte: arquivo pessoal.

*Minha mãe em destaque na imagem e eu estou ao fundo da imagem.

Esse foco nos estímulos positivos, gerados por meus pais, prosseguiu ao longo de toda a minha educação. Meus pais faziam questão de perguntar sobre os assuntos abordados na escola, bem como temas extracurriculares de minha preferência e me estimulavam a dedicar tempo para as áreas que me proporcionavam prazer. Eles tinham consciência de que era preciso investir tempo em conteúdos pelos quais eu já possuía uma paixão natural.

Talvez diferente de outros pais, meus pais não exigiam que eu e minha irmã fôssemos o máximo em tudo, em todas as matérias e todas as áreas, eles compreendiam, desde muito cedo, que cada indivíduo possui características e dons distintos. Posso citar o exemplo da música, ao perceberem que eu não possuía qualquer senso de ritmo musical, me deixaram à vontade para não tentar nada relacionado a esse tema, visto que seria inútil pressionar sobre algo que não me dava prazer. Posso afirmar que até hoje eu e a música não nos entendemos muito

bem, eu não acerto nem o famoso “dois pra lá e dois par cá”, todos os meus amigos sabem muito bem disso.

Descobri que eu não precisava ser boa em tudo, mas que, pelo contrário, eu poderia me aprimorar na área que eu mais gostava e de talento natural, foi uma premissa libertadora para mim. Meus pais foram muito sábios durante toda a minha vida escolar. A minha casa era cheia de estímulos positivos, e meus colegas amavam ir para lá, para estudar, brincar, chorar e até desabafar. Minha mãe era uma espécie de “porto seguro” para muitos colegas, alguns que não tinham apoio familiar, enfim, até hoje, os ex-alunos de minha mãe e meus ex-colegas de classe tratam minha mãe como a mãezona da turma.

Tínhamos diálogos acerca de questões que emergiram desde minha infância. Alguns destes diálogos foram trazidos aqui, proporcionando uma ligação entre as experiências pessoais e a compreensão mais profunda da relação entre a torcida organizada de futebol e suas múltiplas contradições, refletir sobre a importância das conexões interpessoais como um fator propiciador do autoconhecimento é fundamental para seguir o caminho traçado, por isso, a memória pessoal é a trilha de volta para entender a problematização posterior.

Durante anos da minha infância vivi na zona rural, onde as tecnologias da comunicação eram escassas, o que para mim tornava o ambiente particularmente imerso em tranquilidade. Entre o cantar do galo ao amanhecer e o som do rádio na fazenda sobre a cama do quarto que dividia com minha irmã Geisa — que é um ano mais velha que eu — havia o compartilhamento de emoções e momentos marcantes. Fossem eles positivos ou negativos, a diversão com brincadeiras e aprendizados perdurou toda a infância, e ainda perdura até os dias atuais.

Nos momentos em que me encontrava na cozinha com meus pais, no campo onde brincava com os colegas, ou na sala de aula na zona rural, eu conversava com meus pensamentos as inquietudes, os medos, os desejos e as imaginações daquele tempo. Muitos sonhos pareciam distantes, ou mesmo impossíveis de se realizarem. Mas eu sempre fui estimulada para acreditar que tudo é possível ao que crê, busca e insiste.

Na fazenda, acordávamos cedo, eu sempre ia ao curral, que é um cercado para confinar animais de criação, como, por exemplo, gado. Nesse momento, eu, sempre que possível, tentava ajudar o meu pai a tirar leite das vacas, muitas vezes tomava o leite ainda quente, diretamente do peito da vaca, pois nas fazendas é

costume de muitos tomarem o leite cru, aquele extraído das vacas e que não passa por processo industrial algum. O senso comum afirma que, além do sabor diferente, o leite puríssimo ainda possui uma série de benefícios à saúde, como melhora na saúde gastrointestinal, fortalecimento do sistema imune e proteção contra alergias, no entanto, essa afirmação não tem respaldo científico. Rememoro, com um sentimento de nostalgia, essas e tantas outras cenas com meus familiares.

As cenas de meu pai manuseando um rádio de pilhas e tentando sintonizar as transmissões dos jogos de futebol, por exemplo, são marcantes e se encontram muito vivas em mim. Eu me envolvia profundamente, indagando sempre sobre os detalhes: a localização do jogo, as cores dos uniformes, a identidade dos jogadores, os desdobramentos da partida, enfim, ansiava por compreender todos os elementos.

Esse ritual, para mim era fascinante, nutrido com os relatos de meu pai, cuja perspicácia e sabedoria desvelavam um panorama completo do que ocorria nas partidas. Sua narrativa minuciosa advinha dos tempos em que pode testemunhar os jogos ao vivo, particularmente aqueles protagonizados pelo seu time de coração, o São Paulo Futebol Clube. Daí a riqueza das descrições, desde a entrada dos jogadores no campo, até a participação da torcida como um elemento interativo, quase um jogador adicional em campo.

A minha curiosidade e senso de observação rapidamente me fizeram perceber que o Clube de Regatas do Flamengo figurava como uma presença constante nas transmissões, independentemente do resultado. A figura do time carioca, vitorioso ou não, sempre ocupava um lugar de destaque nas programações radiofônicas e, inevitavelmente, avivou meu interesse quanto à devoção fervorosa de sua torcida. Fui crescendo e, aproximadamente aos seis anos de idade, me declarei torcedora do Flamengo. As notícias no rádio e os relatos de meu pai alimentavam a minha imaginação cada dia mais. Ali me tornei uma adepta — e permaneço até hoje.

Os momentos compartilhados com meu pai ecoavam como narrativas semelhantes a de uma novela, um espetáculo que incitava minha curiosidade e levava a fazer uma profusão de questionamentos. As muitas indagações, já enraizadas em minha natureza, eram cultivadas pelo encantamento inerentes à mentalidade infantil, características que geralmente se atrofiam com o avanço da idade adulta. Nesse sentido, concordo com as palavras de Almeida (2012, p. 45), quando define tal habilidade nas crianças, para ela trata-se de um “espírito

investigativo alimentado pela curiosidade e espanto – estado de ser do pensamento tão plenos nas crianças e tão adormecido na vida adulta”.

Uma ocasião notável permanece impressa em minha memória, quando meu pai me acordou com a notícia que para mim foi jubilosa: “Seu time venceu novamente!”. Esta simples afirmação desencadeou uma celebração que tomou conta daquele espaço, com correrias pela casa e o uso de toalhas como se fossem bandeiras do Flamengo. Ao lado de minha irmã, compartilhei uma tarde repleta de entusiasmo, entoando o hino do time, rindo incessantemente e concebendo elaboradas cenas imaginárias. Nossos diálogos infundáveis, conduzidos nas noites silenciosas, se concentravam predominantemente no universo do futebol e nas projeções sobre o desenrolar dos campeonatos, traçando uma paisagem enriquecedora para nossas mentes ávidas de presenciar aquele momento.

Eu já sonhava com o dia em que eu pudesse estar no estádio de futebol, mais precisamente o dia em que eu estaria no estádio do Maracanã, que é o campo oficial em que o Flamengo disputa as partidas de futebol. Eu dormia e acordava pensando no dia em que eu estaria ali, incentivando e vibrando pelo meu time de coração, mas, até então, só existia a ideia de como era aquele local.

O fim dos jogos transmitidos pelo rádio à noite, frequentemente, desdobrava-se em momentos de contemplação e alegria sob o céu estrelado, principalmente quando o Flamengo vencia. Prática acompanhada por minha mãe, uma mulher sábia e de um olhar voltado para o outro, certamente, ela compreendia a importância daqueles momentos em nossas vidas. Esses instantes, iluminados pela luz da lua e das estrelas, despidos da presença da eletricidade, evocavam uma conexão profunda com a natureza.

Nesse sentido, um episódio singular me marcou. Eu e minha irmã encontramos o palco ideal no quintal de nossa casa, onde, estiradas sobre um lençol, ficamos horas a fio observando o céu noturno. A constelação de estrelas, para nossas imaginações férteis, assemelhava-se a jogadores de futebol, com as estrelas mais brilhantes personificando figuras renomadas como Pelé, Zico e Maradona, enquanto as demais se configuravam como anônimas almas futebolísticas espalhadas pelo globo. Em um instante mágico, uma estrela cruzou o firmamento, e o êxtase nos levou a gritar: “gol!”. Uma reação compartilhada até mesmo pelos cachorros que nos cercavam. A intervenção de nossa mãe, que

encerrou a noite de histórias e nos conduziu aos aposentos, não sufocou a animação que continuou a fluir, embalando nossos sonhos até o adormecer.

Esse período foi muito bom para que eu pudesse aprender, mesmo que de forma involuntária, a utilizar a imaginação, criando personagens e lances em minha cabeça. O dia era mais divertido quando ouvia no rádio que o Flamengo havia conquistado a vitória na noite anterior. A vitória na reta final e o título era apenas mais um capítulo, afinal, o interessante mesmo sempre foi o percurso, talvez ainda não soubéssemos disso e, até então, não tínhamos dado conta que o futebol não consistia tão somente num instante de entretenimento, que estava sendo consumido naquele momento do jogo. Ao contrário, ele fazia parte da construção de nossa vida, seja na escola, no trabalho, no cotidiano, e para toda a nossa vida futura. A coletividade do time de futebol, a harmonia que eu enxergava entre jogadores e torcida me fascinava desde muito nova.

Esses episódios dialogam com a visão de Morin (2017) que nos recorda de nossa intrincada conexão com o cosmos e a dualidade entre nossa condição cósmica e nossa humanidade singular. Ele afirma que

[...] nós, viventes, e, por conseguinte, humanos, filhos das águas, da Terra e do Sol, somos um feto da diáspora cósmica, algumas migalhas da existência solar, uma ínfima brotação da existência terrestre. Estamos, a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais. Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos. Nosso pensamento, nossa consciência, que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distanciam ainda mais (Morin, 2017, p. 38).

Retomando ao contexto em que eu me encontrava na fazenda, em uma noite vitoriosa para o meu time, o Flamengo. No alvorecer da manhã seguinte, o encanto da noite estrelada com minha família ainda permeava o ambiente e se refletiu nas conversas do café da manhã. Nesse momento, a vitória do Flamengo na noite anterior reluzia menos intensamente que a imaginação, a qual se nutria com as imagens das estrelas em movimento, que pareciam estar cada vez mais próximas do chão, sinalizando a promessa de gols. Essa crença singela, ancorada na constelação celeste, serviu como bálsamo para nossos corações.

Nos raros momentos nos quais adquiri revistas infantis ou livros de figurinhas, uma predileção pelas publicações relacionadas à torcida, preferencialmente nas

cores vermelho e preto, tornava-se evidente. Tal inclinação para o futebol, entretanto, esbarrava nos limites de minha mãe, uma figura que não nutria uma afinidade particular pelo esporte e, ainda menos, pelas torcidas organizadas. Apesar dessa discordância, ela permitiu que eu explorasse aquilo que me trazia contentamento, jogar bola — desde que minhas obrigações escolares estivessem cumpridas e as tarefas domésticas fossem realizadas devidamente.

Me recordo, por exemplo, com uma mistura de afeto e empatia, das partidas disputadas no campo de terra da fazenda. Nesses jogos disputadíssimos, que misturavam meninos e meninas de diversas faixas etárias, não me lembro de segregação, prevalecendo um espírito de coletividade, unido pelo prazer do esporte e o compartilhamento de experiências.

Tais episódios, permeados por quedas, risadas e, por vezes, pequenos ferimentos, ou mesmo uma fratura de braço, desempenharam um papel substancial em minha trajetória, principalmente durante a adolescência, pois eles moldaram minha capacidade de respeitar o próximo. Vivíamos felizes com aquela rotina que, para mim, era pacata e serena, mas não havia escola com aulas além do ensino fundamental naquela região. Em breve, seria necessário partirmos para a cidade para darmos continuidade aos estudos.

A vida humana é uma grande aventura, ora descontínua, com o aparecimento de novas necessidades, ora contínua, com início há muitos milhões de anos. Toda essa conjuntura deve ter sua contribuição no desenvolvimento da consciência humana, com coragem e determinação para prosseguir a caminhada, com isso, contribuir, de forma igual, no momento de abandonar um caminho fantasioso e recomeçar em novos desafios.

Conhecer e reconhecer os nossos limites e momentos necessários de mudanças, nos põe em condição de conseguir enfrentar um destino que está por vir, incerto e, muitas vezes, turbulento, provocando uma verdadeira revolução em cada um, exigindo coragem de cada ser humano para enfrentar as incertezas. Morin, (2017, p. 59) evidencia que

A incerteza humana está marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e a incerteza histórica.

Há três princípios de incerteza no conhecimento:

o primeiro é cerebral: o conhecimento nunca é um reflexo do real, mas sempre tradução e construção, isto é, comporta risco de erro;

o segundo é físico: o conhecimento dos fatos é sempre tributário da interpretação;
o terceiro é epistemológico: decorre da crise dos fundamentos da certeza. [...] Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza.
A incerteza histórica está ligada ao caráter intrinsecamente caótico da história humana. A aventura histórica começou a mais de 1.000 anos. Foi marcada por criações fabulosas e destruições irremediáveis.

A vida está sujeita a acontecimentos, por vezes, gratificantes, felizes e motivadores, mas, também, podem ocorrer destruições, acidentes, tristezas. No entanto, podem ser criados atalhos e desvios para contornar as situações e realinhar o novo caminho a ser seguido. Os grandes acontecimentos, geralmente, são inesperados e revelam a grande incerteza que há no amanhã. “É preciso, portanto, prepararmo-nos para o nosso mundo incerto e aguardar o inesperado” (Morin, 2017, p. 61).

2.1 A mudança para cidade

Quando completei 13 anos, meus pais se mudaram para a cidade, a fim de oportunizar melhores condições de estudo para mim e minha irmã. A transição para o ambiente urbano, revelou-se um momento de euforia e entusiasmo para mim, pois trouxe consigo a promessa de novas experiências e desafios, acenando a uma jornada que avistava horizontes a serem explorados. Nesse cenário, uma ocasião particular veio à tona, como ápice da alegria a meu ver: a aquisição da primeira televisão da nossa família, introduzindo uma dimensão visual e tecnológica antes ausente em nossas vidas. Essa transição do rádio para a televisão representou uma mudança significativa, nos permitindo visualizar as imagens que outrora habitavam apenas em minha mente. A partir dali eu comecei a ver e admirar ainda mais a vasta e imponente torcida do “Mengão”.

Nesse ínterim, meus sonhos se materializavam com a perspectiva de estar fisicamente presente em um estádio de futebol, mais especificamente no célebre Maracanã, santuário onde o Flamengo brilhava em suas partidas. O anseio por estar imersa nesse ambiente culminava em incontáveis momentos de felicidade, mas, também, tristezas pelas possíveis derrotas. Minha imaginação construía personagens, cenas e combates duríssimos contra inimigos implacáveis que

preenchiam meu universo com excitação e vivacidade, contudo, havia o sentimento de aflição e angústia por um adversário poderoso que poderia frustrar minha experiência.

Mais tarde, durante a minha adolescência, quando me perguntavam se eu tinha vontade de ir à Disney eu dizia que preferia ir ao estádio do Maracanã, afirmação que causava perguntas e mais perguntas sobre o tema, até porque quase nunca se viam meninas falarem sobre esse tema, afinal, quem nunca sonhou em ir à Disney? Será que apenas eu pensava assim? Para responder a essa pergunta, encontrei alguém que parece me entender, e eu gostaria de citá-lo. Trata-se de um trecho da fala de Ariano Suassuna, na palestra apresentada no Tribunal Superior do trabalho, no ano de 2012. O trecho transcrito de sua fala, a seguir, representa esse sentimento.

- Ói, quando eu fui tomar posse na Academia Brasileira De Letras, e fui convidado pra jantar na casa de um casal rico do Rio de Janeiro [...] quando estava no meio do jantar, reparem como a mulher se dirigiu a mim, ela disse assim:
- Você naturalmente já foi à Disney, não é?
- Eu disse já foi aonde? E ela disse:
- À Disney.
- Aí foi que eu descobri que era a Disneyland, que ela já tem tanta intimidade que chama assim, a Disney.
- Você naturalmente já foi à Disney, não é?
- Eu disse: não, eu nunca fui não. Ela disse:
- Foi aos Estados Unidos e não foi à Disney?
- Eu disse: não, eu nunca fui aos Estados Unidos não. Eu nunca saí do Brasil não. Aí eu notei uma decepção enorme na cara dela, a cara dela era quem dizia assim: esse homem não devia ter sido escolhido para a Academia Brasileira de Letras não, que nunca saiu do Brasil. Aí daqui a pouco o marido dela falou numa pessoa lá, e aí ela disse:
- Ele já foi à Disney, não é? Aí o marido disse:
- Foi.
- Aí eu por dentro disse: bom essa mulher divide a humanidade em duas categorias, não é? Quem foi à Disney e quem não foi. E eu tô desgraçado por que eu não fui (Suassuna, 2012).

Esse trecho da palestra de Ariano Suassuna me levou àquelas falas direcionadas a mim, ainda na infância, e compreendi que, conforme afirma o autor, “o que está por trás disto é uma quantidade de ideias frívolas, uma visão superficial do mundo e do ser humano que é uma coisa perigosa” (Suassuna, 2012). Pois bem, o tempo foi passando e aquele sonho de menina não saía dos meus planos, as memórias e experiências adquiridas ao longo da minha infância estavam ali cada vez mais vivas.

Minha vida transcorreu dessa maneira, rodeada de amigos e familiares, na cidade de Divisópolis, interior de Minas Gerais. Ao entardecer, ficávamos sentados a beira da calçada, ouvindo histórias, ora reais, ora inventadas, mas todas verdadeiras fábulas que enchiam esses instantes de significado. Os encontros eram constantes, momentos de brincadeiras, conversas e muitas risadas eram tão frequentes que já faziam parte de nossa rotina diária, até o dia que, mais uma vez, foi necessária a mudança de cidade. Desta vez, eu já estava na reta final para concluir o ensino médio e esperava ansiosa por uma oportunidade para cursar a faculdade. Sair da minha cidade natal era inevitável já que ali não existiam cursos de graduação. Foi quando a diretora da escola chegou com a notícia que eu havia ganhado uma bolsa de estudos pelo Prouni¹ para o curso licenciatura em Biologia. Na manhã seguinte, eu já estava de malas prontas e me direcionei para a cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, para preparar toda a documentação exigida.

Pouco mais de um mês após a minha instalação na nova residência, eu já estava cursando a graduação tão desejada, conhecendo e traçando novos caminhos. Logo me adaptei àquela nova rotina, com afazeres domésticos, trabalho, faculdade, atividades extraclasse e muito mais. Os professores eram muito bons e dedicados, os colegas de curso eram, em grande maioria, assim como eu, alunos que estavam vindo de outras cidades e, até mesmo, outros estados.

As pessoas com quem eu dividia apartamento eram bastante parceiras. Inicialmente, moravam sete pessoas em um apartamento de apenas um quarto, era muito bom e o tempo passava depressa, mas, às vezes, eu precisava correr para minha cidade e ter o colo de meus pais, visto que mesmo estando quilômetros de distância, sabiam me manter confiante, e conseguiram me passar tranquilidade para enfrentar os desafios que surgiam pela frente. Hoje me dei conta de que o segredo para nunca ter desistido foi saber que eles estavam e estão até hoje me apoiando em todo o percurso.

Foi nessa fase de minha vida, mais precisamente no ano de 2019, quando já adulta, formada, casada e professora que aconteceu um fato que daria a virada em minha vida. Enquanto olhava as redes sociais, deparei-me com um cartaz dizendo que havia uma torcida organizada saindo da cidade de Vitória da Conquista em

¹ O Programa Universidade Para Todos (PROUNI) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas. O público-alvo do programa é o estudante sem diploma de nível superior.

direção ao Rio de Janeiro para assistirem um jogo de futebol. Sim, era o time do Flamengo, meu time do coração, a torcida que eu fazia parte desde criança, no estádio do Maracanã que eu tanto almejava conhecer. Naquele momento eu parei tudo que estava fazendo e sem pensar duas vezes pronunciei em voz alta: “Essa é a minha oportunidade de realizar um grande sonho!”.

Comecei a sentir um misto de sentimentos inexplicáveis, e iniciei uma busca por alguém que conseguisse me passar mais detalhes. Saber que eu estava prestes a ter o privilégio de participar *in loco* dessa partida de futebol, criou em mim um turbilhão de emoções difíceis de decifrar. Após localizar o endereço dos organizadores da excursão, fui ao encontro de uma das pessoas responsáveis e saí do local com tudo acertado e a viagem paga. A viagem era de ônibus. Enfim, eu iria realizar a grande aventura sonhada desde a infância. Eu estava pronta.

Uma enorme gratidão e entusiasmo em saber que iria compartilhar momentos tão sonhados desde a minha infância, tomava conta de todo o meu ser. A presença de amigos, conhecidos, desconhecidos, famosos ou anônimos, naquele ambiente não era o mais significativo, o que realmente estava sendo considerado era a possibilidade de presenciar aquele que, para mim, seria o maior e melhor espetáculo de todos.

Aquele momento seria a celebração de um sonho de infância, em sua mais pura e genuína missão. Reafirmando a importância de acreditarmos em nossos sonhos, percebo que mais do que cumprir uma promessa de infância, naquele momento, estava se realizando um propósito que vai além de um simples jogo de futebol, é o reflexo de um desejo pessoal que chega em seu momento de êxtase como um ato de amor. Como torcedora, meu papel vai além de uma simples expectadora. Sou torcedora, comprometida em incentivar o time, vibrar e emocionar com os detalhes que, para muitos, podem passar despercebidos, mas eu estava disposta a guardar o máximo de memórias daquele momento que estava por vir. Nada garantia a vitória do meu time, um belo jogo, sem brigas ou coisas parecidas, e isso estava muito claro em minha mente.

Assim como a teoria do pensamento complexo, há sempre incertezas, não reveladas diante do que aparenta ser bom ou ruim, justo ou injusto, tais ilusões exigem vigilância constante no exercício de um bom viver e um bom pensar, que não são antídotos, no entanto, nos alerta para os perigos de enxergarmos apenas aquilo que nos apraz.

Durante o período que antecedia a viagem nada mais tinha urgência, os dias pareciam mais bonitos, era primavera e as árvores estavam todas floridas, como se anunciassem os próximos capítulos da história. Era impossível dormir na véspera da viagem. Os pensamentos invadiam minha mente na calada da noite, quando não conseguia dormir ou depois de um longo dia de trabalho. Nos primeiros instantes do sono, as imagens, outrora observadas na televisão, vinham e apoderavam-se da minha mente, eu não conseguia determinar o momento em que eu, deitada na cama, sonhava acordada ou dormia sonhando, parecia que o momento nunca chegaria, mas, enfim, chegou.

Contar sobre meu sonho de infância e sua realização ainda me arrepia. Foi um deslocamento em um ônibus lotado por mais de vinte horas. O ônibus assim como os demais meios de transporte que se direcionaram para aquele local estavam encarregados de levar a bordo centenas de pessoas que, assim como eu, estavam em êxtase para viver essa aventura. No meu caso, era aquele pedido de infância que estava se concretizando diante dos meus olhos, a oportunidade apareceu e eu não iria desperdiçá-la, logo eu que sempre fui destemida, claro que não perderia a oportunidade (Figura 3).

Figura 3 — Eu em frente ao ônibus antes de viajar para assistir pela primeira vez o jogo do Flamengo no Maracanã



Fonte: arquivo pessoal.

O trecho que liga a Bahia até o Rio de Janeiro é marcado por inúmeras curvas sinuosas e paisagens encantadoras. Passamos a maior parte do tempo em solo mineiro, minha terra natal, o que me fez voltar no tempo e relembrar os sonhos de infância que se faziam presentes diariamente em minha vida. Nesse percurso, fizemos paradas para tirar fotos, tomar banho e fazer as refeições. Era madrugada quando começamos a descer a região serrana do Rio, o nevoeiro e o mal tempo impossibilitaram a observação por alguns instantes, mas a sensação de frescor, o cheiro de mato verde daquele local e os sons da natureza ficaram impregnados em minha memória, pois eu já estava acostumada a atentar-me a ouvir os sons, por conta da prática com o rádio.

Assim que os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, o responsável pela torcida organizada conduziu uma fala ao microfone: “senhoras e senhores acabamos de chegar ao Rio de Janeiro e estamos nos dirigindo neste momento para a experiência que marcará a vida de vocês para sempre”. Ele estava certo. De repente, todos ficaram um momento em silêncio, não se sabe ao certo se um minuto ou uma hora, o que cada um sente é indescritível. Foram diversas as manifestações ocorridas naquele momento, como, por exemplo, um pai abraçando um filho que estava chegando naquele ambiente pela primeira vez, um outro gritando que conseguiu chegar, vários que só sabiam chorar de emoção e tantos outros fazendo suas preces e agradecendo a oportunidade de vivenciarem aquele momento. Ao sairmos do ônibus foi uma festa, tivemos um dia cheio de descobertas, festas, aventuras e desafios. Uma heterogênea mistura de sensações.

Ufa! Enfim chegamos! Nesse momento, as mãos suavam e o coração palpitava cada vez mais forte, era inevitável segurar as lágrimas dos olhos. Era uma manhã de primavera e, logo ao amanhecer, quando os primeiros raios de sol começaram a surgir no horizonte, as flores do jardim já indicavam a beleza de um dia inesquecível e os pássaros cantavam como se fossem uma orquestra ensaiada. Eu sem compreender esse momento, apenas apreciava cada detalhe para guardar em minha memória, jamais poderia imaginar o impacto e a representatividade que ele causaria na minha vida.

Poder contemplar as borboletas beijarem as flores naquela manhã era como se algo me dissesse que eu estive no caminho certo durante todos os anos de espera e que tudo havia sido preparado nos mínimos detalhes para que eu pudesse

acompanhar aquele jogo de futebol (Figura 4). O futebol é um acontecimento capaz de mobilizar multidões no mundo todo² por ser um esporte de massa, visto pelos especialistas como a modalidade mais democrática, barata e imprevisível que se pode encontrar no mundo esportivo³.

Figura 4 — Eu no Maracanã pela primeira vez



Fonte: arquivo pessoal.

Desembarcamos do ônibus em frente à uma loja do Flamengo, onde possui diversos itens confeccionados para agradar aos mais diversos gostos dos torcedores. É possível encontrar uma infinidade de produtos com seus variados modelos, estampas e tamanhos. A decoração da loja é um *show* à parte. Sem falar nas cores preto e vermelho que são impressas em todos os cantos do estabelecimento, além de ter referências às diversas conquistas atingidas pelo renomado time carioca. Também é possível visitar um museu, ainda no mesmo espaço, o que proporciona conforto, satisfação e alegria aos visitantes. Meu pai (Figura 5) não estava ali comigo fisicamente, mas era latente a sua presença em

² No *site* oficial da Copa do Mundo, Fédération Internationale de Football Association (FIFA), foi divulgada uma matéria destacando que cerca de 28,8 bilhões de telespectadores assistiram a Copa do Mundo Japão/Coréia, em 2002, e que na Copa da Alemanha, em 2006, esse número chegou a 32 bilhões de pessoas de 207 países. Outro dado publicado no jornal Observatório da imprensa, no dia 27/07/2006, mostra que, durante a mesma copa da Alemanha, foi registrada uma audiência média de 93 milhões de telespectadores por jogo, sendo que a partida decisiva entre França e Itália teria sido assistida por 284 milhões de telespectadores.

³ Aos interessados em estudos mais aprofundados sobre as torcidas organizadas brasileiras e suas características recomendo a leitura de Toledo (1996) e Teixeira (2004).

todo o tempo. Cada ação ou emoção ocorrida eu me recordava dos ensinamentos que ele fez questão de repassar para mim.

Figura 5 — Foto com meu pai quando criança na fazenda



Fonte: arquivo pessoal.

Era sábado, dia do jogo que eu tanto sonhei em assistir, pouco me importava o adversário. Desde o início do dia, soltavam-se fogos, cânticos da torcida eram entoados por toda a parte. À medida que se aproximava a hora do jogo, a ansiedade aumentava. No trajeto percorrido até o estádio, os torcedores organizados agitavam as bandeiras do time, outra hora se enrolavam nas bandeiras, se abraçavam, dançavam e vibravam, anunciando a vitória ainda imprevisível.

Na entrada do estádio havia muita correria, os ambulantes querendo garantir sua renda, aproveitavam o momento para vender blusas, faixas, adesivos, entre outros. Naquele dia paguei caro no ingresso, vi gente sem conseguir entrar no estádio para assistir ao jogo, caminhei quilômetros e fui espremida para entrar no

estádio. Por volta das 18 horas consegui entrar. Dentro do estádio, as arquibancadas iam enchendo e tomando forma de espetáculo para os meus olhos.

A medida em que os jogadores entravam em campo, a torcida vibrava de modo que o chão parecia tremer, uma fumaça vermelha e preta espalhava-se naquele ambiente, principalmente nas primeiras fileiras onde eu me encontrava. Logo que entrei, busquei um local estratégico para assistir todo o jogo, mas jamais imaginei que estaria ao meu lado um senhor com um rádio ao “pé do ouvido”, figura marcante na torcida organizada, justamente por sempre acompanhar os jogos presencialmente e, ao mesmo tempo, por meio das vozes ocultas no rádio (Figura 6).

Figura 6 — Torcedor com um rádio ao “pé do ouvido”



Fonte: arquivo pessoal.

Esse momento me levou instantaneamente para a minha infância, sentada ao lado de meu pai, com o rádio em seu último volume, ou bem próximo do ouvido para capturar todos os lances narrados. Era impossível não lembrar das falas de meu pai em cada momento ali vivenciado. Eu conseguia ouvi-lo dizendo cada frase como se fosse naquele instante, como seria a entrada do time em campo, como se comportaria a torcida adversária e os companheiros do lado. Lembrei-me dos tempos de menina, quando vivenciei icônicas partidas ao lado de meu pai, naquele momento, as narrativas dele permitiam-me uma imaginação que impulsionava as novas descobertas daqueles momentos tão ricos e significativos, cheio de

encantamentos e belezas construídas de fragmentos, fatos e memórias que ficariam guardadas em mim.

Ele havia conseguido tamanha proeza de me contar cada detalhe que, por alguns momentos, parecia que eu estava vivendo um *déjà-vu*, e talvez até fosse verdade, já que o meu cérebro buscava todas as memórias e elementos semelhantes criados durante toda a minha jornada até aquele dia. Poderia dizer que ocorreu uma fusão bem-sucedida dos conhecimentos adquiridos durante minha jornada.

Figura 7 — Jogadores em campo no Maracanã



Fonte: arquivo pessoal.

Sofri com o resultado inicial, celebrei cada gol, chorei e vibrei de alegria por diversos momentos. Fiz parte daquela imensa torcida que eu imaginava quando criança, ouvindo o rádio e por meio das lindas e intermináveis narrativas do meu pai, ou mais tarde quando via pela televisão. Cantei antes, durante e depois da partida apoiando o time e o técnico. Reclamei do árbitro juntamente com outras milhares de pessoas unidas pelo vínculo em comum. Uníssonos, esbravejamos contra os jogadores adversários, como que defendendo nosso lugar, nossa comunidade.

Na multidão, nos tornamos um ser social sem nome, identidade, profissão ou sexo, nesse momento, as segregações de classe desaparecem. O futebol é capaz

de provocar alterações de comportamento nos inúmeros seres envolvidos pela excitação do momento, por exemplo, lembro que nem me importei com a chuva que caía naquele dia. Memórias que guardarei para sempre. No entanto, o que mais me impactou durante o jogo não foram os momentos de êxtase ou decepção, mas a sensação de fazer parte de algo maior. Toledo (1996, p. 77) explica, de forma contundente, o que experienciei imersa na torcida:

O rito de entrada ao estádio reafirma a importância da Torcida Organizada diante da torcida em geral. Somente quando acomodados nas arquibancadas é que começam a cantoria, o samba e as coreografias, comandados pelo coração da torcida que é a bateria. Nas Torcidas Organizadas as pessoas, sobretudo os sócios, assistem os jogos sempre de pé, somente descansando no intervalo. Atitudes exatamente opostas àquelas dos torcedores comuns que assistem aos jogos sentados e, no intervalo, levantam para esticarem as pernas.

Estar ali, no meio daquela multidão, era mais do que assistir a uma partida de futebol, era ser parte daquele sonho de infância, daquela torcida outrora imaginada e fixada em minha memória, era mais um capítulo da minha história, com o time do Flamengo e sua torcida. Os cânticos que ecoavam no estádio eram como elos de uma corrente, ligando o passado ao presente, as gerações anteriores às futuras.

A experiência esportiva se entrelaçava com a tradição e a identidade, criando uma sensação de continuidade e pertencimento. Enquanto o tempo avançava e o jogo se desenrolava, cada minuto parecia carregado de significado de realizações pessoais para mim. O relógio marcava o ritmo das emoções, ditava o fluxo da narrativa. A cada toque na bola, a cada defesa, a cada ataque a torcida reagia com intensidade. Os sentimentos de esperança e ansiedade se misturavam, alimentando a atmosfera eletrizante do estádio, inclusive ao apito final do juiz. Naquele dia, meu time venceu a partida com um elástico placar de cinco gols marcados e nenhum sofrido.

Após o fim do espetáculo, as reações foram diversas: alegria, comemoração, alívio. No entanto, ainda não havia a consciência de que aquele momento efêmero ficaria eternizado, transformando-se em memória. Nesse contexto, é importante destacar que o universo dos adversários derrotados também desempenhou um papel significativo em mim. Enquanto eu experimentava as intensas emoções de vitória e alegria, percebia que eles enfrentavam o peso da derrota e da frustração.

Naquele momento de celebração para uns e de decepção para outros, havia dualidade desses impulsos em ação. Essa dinâmica revela que, em nossa jornada de vida, estaremos constantemente alvejados por experiências, ora positivas, ora negativas. No retorno para casa, enquanto o ônibus percorria o trajeto de volta, eu refleti sobre as muitas histórias que vivenciei. Tudo aquilo foi uma miscelânea de experiências que haviam se entrelaçado, formando um quadro mais amplo sobre a natureza humana.

Era como se cada pessoa que cruzou meu caminho tivesse contribuído para enriquecer minha compreensão do mundo, para ampliar minha visão sobre as relações interpessoais, para me lembrar de que somos todos partes de uma teia intrincada de emoções, histórias e conexões. Esta minha viagem foi marcante em minha vida e, sem dúvidas, jamais esquecerei cada momento vivenciado ali. Após este momento, me apaixonei ainda mais por ir ao estádio, e isso se tornou recorrente em minha vida, inclusive em outros estados.

Ao chegar em casa, a experiência ainda reverberava em minha mente. O estádio do Maracanã, aquele lugar que eu havia sonhado em visitar desde a infância, agora estava impresso em minhas memórias de forma viva e tangível. Todavia, mais do que o lugar em si, eu percebia que as interações com os outros e as emoções compartilhadas eram como histórias de vida que se cruzavam naqueles momentos. Assim, a minha jornada havia se transformado em mais do que uma realização pessoal, mas em um testemunho da riqueza da experiência humana.

Ao escrever essa narrativa, olho para trás e vejo como a jornada, desde a infância até aquele dia no estádio do Maracanã, foi marcada por momentos de aprendizado. Assim, com um olhar para o passado e um coração cheio de gratidão, discorro o relato sabendo que aquela viagem, aquele sonho realizado, é mais do que uma lembrança isolada; é parte de uma tapeçaria mais ampla que se estende por toda a minha jornada de vida e alimentou minha formação enquanto educadora.

Agora, a análise dessa contextualização no Estádio de futebol se encontra com o meu fazer educacional. É evidente que essa experiência nas arquibancadas está profundamente ligada à minha visão de mundo. Entendo que assim como as torcidas organizadas, as salas de aula são microcosmos complexos da pluralidade humana, repletas de possibilidades positivas, mas, também, permeadas por conflitos e dilemas.

Abordarei os temas científicos com a mesma dedicação que vi nas arquibancadas do time vitorioso quando lá estive, buscando despertar o entusiasmo dos estudantes e criar um ambiente de aprendizado que celebra a curiosidade e a descoberta. No entanto, nem sempre consigo atingir esse objetivo plenamente, pois me deparo com uma série de colisões inerentes à comunidade escolar.

Uma dessas contradições se manifesta na motivação dos estudantes. Enquanto desejo que os meus alunos se empolguem com o aprendizado, a realidade é que alguns podem estar desmotivados devido a uma variedade de razões, como dificuldades pessoais, falta de interesse no assunto ou desafios sociais. Além disso, enfrento contradições na gestão de comportamentos e dinâmicas de sala de aula.

O desejo de manter um ambiente de aprendizado positivo e inclusivo, muitas vezes, entra em conflito com a necessidade de lidar com interrupções e outros desafios comportamentais. Essa contradição me levou a desenvolver habilidades de mediação e estratégias de gestão com as questões caóticas de ordem pessoais e coletivas.

Outra contradição surge das burocracias e regulamentações do sistema educacional. Embora aspire oferecer uma educação flexível e centrada no aluno, recorrentemente, vejo-me presa em um labirinto cheio de currículos padronizados e avaliações arcaicas que limitam a capacidade de inovar e personalizar o ensino de acordo com as necessidades individuais dos estudantes.

Toda essa dialógica me faz buscar maneiras de tornar o ensino mais envolvente e significativo para meus alunos, reconhecendo que, assim como nas torcidas organizadas, as salas de aula são lugares complexos onde a dualidade se desdobra constantemente. Esses ambientes nos oferecem uma visão da complexidade da experiência humana, destacando momentos de realização, êxtase e conexão emocional, bem como desafios, adversidades e conflitos.

Expressar a realização de um sonho de infância ao assistir a um jogo de futebol no estádio, compartilhar reflexões sobre minha jornada pessoal e profissional, tal como os conflitos e desafios enfrentados no ambiente escolar, revela que em ambas as narrativas, há uma interação entre os impulsos vitais opostos destacados por Freud (1998) e que abordo no primeiro capítulo.

O Eros é evidente nos momentos de celebração, conexão emocional e busca por realização pessoal, enquanto o Tânatos se manifesta nas adversidades

enfrentadas, nos conflitos internos e externos e na experiência da dualidade de emoções, como vitória e derrota. Ao relacionar os relatos com tais conceitos, percebemos que a experiência humana é caracterizada pela interação entre esses impulsos opostos, que moldam nossas ações, emoções e relações. A vida é uma jornada marcada por momentos de felicidade e sucesso, mas também por desafios e conflitos que nos confrontam com a realidade da existência.

Toda escrita que esbocei nesse capítulo objetivaram ilustrar a complexidade da natureza humana e a interação entre os impulsos de vida e de morte. Eles nos lembram que a experiência humana é uma tapeçaria intrincada de emoções, experiências e relações, moldada pela busca contínua por realização pessoal e significado, bem como pelos desafios e adversidades que encontramos ao longo do caminho. A seguir, busco interpretar o que descrevi e conectar com o Eros e o Tânatos que Freud (1998) outrora trouxe à luz.

O relato vívido das minhas experiências, desde a infância até a realização de um sonho tão acalentado, revela não apenas a jornada de uma vida, mas também ressoa com os conceitos freudianos, especialmente os relacionados ao Eros. A busca incessante por experiências significativas, como a mudança para a cidade, a aquisição da primeira televisão e a realização do sonho de assistir a um jogo no Maracanã, reflete o impulso fundamental de vida, o Eros, conforme proposto por Freud (1998). Esses eventos não apenas preenchem a existência com emoções intensas, tal como simbolizam a busca por prazer e satisfação, uma expressão do desejo de conectar-se com algo maior e mais significativo.

Além disso, o relato das interações sociais que experienciei, dos encontros com amigos e familiares, da adaptação a novos ambientes e desafios, bem como da constante busca por apoio e conexão, revela a importância dos vínculos emocionais e relacionamentos interpessoais. A busca por pertencimento, amor e cuidado, ao longo da narrativa, reflete a necessidade humana fundamental de estabelecer e manter conexões significativas com os outros. A viagem ao Maracanã não é apenas sobre assistir a um jogo de futebol, mas, sobre compartilhar uma experiência significativa com outras pessoas, nutrindo, assim, os laços emocionais que são essenciais para o bem-estar psicológico e emocional. Esses aspectos destacados, bem como a busca pelo prazer, pelo significado e pela conexão interpessoal estão intrinsecamente entrelaçados na jornada da vida de cada indivíduo, refletindo os princípios fundamentais do Eros.

No entanto, os detalhes das experiências de minha jornada existencial, desde a infância até a realização do sonho de assistir a um jogo no estádio do clube que sou adepta, também pode ser interpretado à luz dos conceitos freudianos relacionados ao Tânatos, o impulso de morte. Embora o Eros seja evidente na busca por prazer, satisfação e conexão emocional ao longo da narrativa, o Tânatos se manifesta de maneiras sutis, todavia, igualmente significativas.

A mudança para a cidade, embora tenha sido um momento de euforia e entusiasmo, também representou uma ruptura com o ambiente familiar e conhecido, uma espécie de morte simbólica do mundo anterior. A adaptação a um novo ambiente urbano me gerou ansiedade e desconforto, refletindo os aspectos disruptivos do Tânatos na minha vida. Além disso, a mudança constante de cidade, culminando na mudança para Vitória da Conquista para cursar a faculdade, também pode ser interpretada como uma série de pequenas mortes simbólicas que experimentei, representando o afastamento do meio familiar e a entrada no desconhecido.

A busca por apoio emocional e conexão com meus pais, mesmo estando distantes geograficamente, sugere a necessidade de enfrentar a separação e lidar com a ansiedade de maneira a superar os aspectos relacionados ao Tânatos. A viagem ao Maracanã, embora tenha sido uma realização de um sonho, também pode ser vista como uma confrontação simbólica com o desconhecido e com o medo da derrota, elementos que podem estar associados ao impulso de morte.

Em suma, nessa parte da escrita, percebo que embora o relato esteja permeado pelo impulso vital do Eros, o Tânatos também está presente, manifestando-se nas transições, nas separações e nos desafios enfrentados ao longo da jornada da vida. A interação entre esses impulsos opostos é uma característica central da experiência humana, descrita em detalhes, desde a antecipação da viagem até a experiência vivida no estádio e, mais uma vez, relaciono esse fato ao conceito freudiano do Eros, o impulso vital, de várias maneiras.

Primeiramente, o desejo intenso de realizar um sonho de infância e a antecipação das emoções positivas que seriam experimentadas durante o evento esportivo são reflexos desse impulso vital. Minha narrativa enfatiza como os dias pareciam mais bonitos, como se a natureza estivesse colaborando para o

cumprimento desse desejo, o que ressalta a ideia de que o Eros se manifestava na busca pela harmonia e pela realização pessoal.

Além disso, a experiência no estádio, permeada por emoções intensas como a alegria, a celebração, o choro e a vibração, reflete a busca pela conexão emocional. Me senti parte de algo maior, envolta na energia coletiva da torcida, e isso proporcionou uma sensação de pertencimento e realização, características que estão alinhadas com o impulso vital de buscar conexões interpessoais e significado na vida.

Outro aspecto a considerar é a interação afetiva com as memórias da infância, especialmente relacionadas ao vínculo com meu pai e às experiências compartilhadas durante os jogos de futebol. Essas memórias ressurgem durante a experiência no estádio, reforçando a importância do Eros na formação da minha identidade e na busca por experiências que reavivassem esses laços afetivos.

Todavia, meu relato também pode ser relacionado ao conceito freudiano do Tânatos, o impulso de morte, em algumas de suas nuances. Minha jornada foi permeada por desafios, dificuldades e momentos de frustração. Por exemplo, a longa viagem de ônibus em condições desconfortáveis, a luta para conseguir ingressos e entrar no estádio e, até mesmo, a chuva durante o jogo são elementos que remetem à ideia de confronto com obstáculos e adversidades, características associadas ao Tânatos.

Além disso, minha experiência no estádio, apesar de envolver momentos de celebração e conexão emocional, também incluiu a experiência da derrota para os adversários. Enquanto vivenciava intensamente a vitória do meu time, reconheci que, para os torcedores adversários, essa experiência é de desilusão e frustração. Esse aspecto da dualidade de emoções durante o evento esportivo reflete a coexistência do impulso de vida e do impulso de morte, conforme descrito por Freud (1998).

Outro ponto que saliento é a referência à natureza cíclica do jogo de futebol, com suas vitórias e derrotas, refletindo a mesma natureza cíclica do Tânatos. Assim como no ciclo da vida, o jogo é marcado por momentos de sucesso e falha, renovação e perda.

Por fim, a narrativa menciona as contradições e conflitos presentes no ambiente escolar no qual estou imersa. Além disso, destaco a luta constante entre o desejo de oferecer uma educação significativa e os obstáculos impostos pelo

sistema educacional. Esses conflitos internos e externos são reflexo do embate entre o impulso vital do Eros e o impulso de morte do Tântatos, que permeiam não apenas a experiência no estádio, mas também minha vida cotidiana.

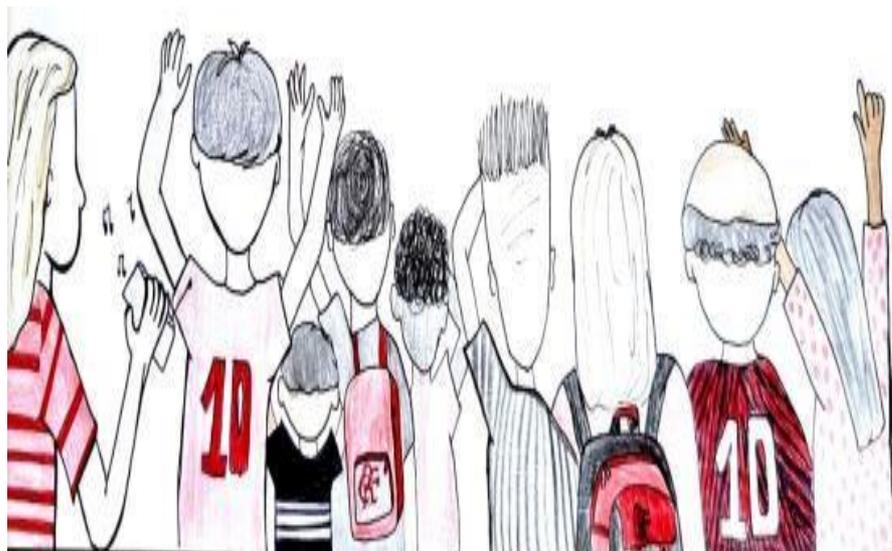
É importante reconhecer que essa dualidade não é uma dicotomia rígida, mas uma teia intrincada de experiências e emoções que moldam nossa jornada de vida. A vida não é apenas uma luta entre forças opostas, mas uma dança complexa entre os impulsos vitais que nos impulsionam para frente e os desafios que nos confrontam ao longo do caminho.

Portanto, ao refletir sobre essas experiências, somos convidados a reconhecer e abraçar a complexidade da condição humana, com todas as suas contradições, conflitos e possibilidades. É na interação entre o Eros e o Tântatos que encontramos a riqueza e a profundidade da experiência humana, moldando nossa jornada de vida e nos ajudando a compreender melhor a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.

3 TORCIDAS ORGANIZADAS: NO TEMPO DE TÂNATOS

A identificação ou empatia com algum time de futebol é algo verificável em grande parte da população. Com maior ou menor intensidade, um número considerável da sociedade vivencia, de múltiplas formas, o futebol. No entanto, frequentemente, nos deparamos com um dilema em relação ao modo como os grupos, denominados torcidas organizadas, se manifestam, seus estilos de vida e pertencimento ao ambiente em que vivem. É habitual um agrupamento de torcedores ir ao estádio presenciar um jogo e continuarem fiéis tanto nas vitórias quanto nas derrotas, dispostos a brigar pelo time que defende, fazer preces quando estão sendo derrotados e até morrer em defesa de seu time escolhido.

Figura 8 — Desenho autoral representando a torcida do Flamengo



Fonte – arquivo pessoal.

Os torcedores são a base do clube, sua paixão e lealdade mantém o clube vivo e em constante evolução. Eles são os responsáveis por criar um ambiente de apoio e entusiasmo em torno do time que, muitas vezes, pode ser a diferença entre uma vitória e uma derrota. A presença de fiéis torcedores em jogos para incentivar seu time de coração é fato que remonta a década de 1910. Segundo os jornalistas, cronistas esportivos e escritores brasileiros, Mário Filho e Nelson Rodrigues, o futebol só se torna assunto jornalístico quando se torna uma paixão do povo, que saíam para as ruas, enchendo os campos, dividindo a cidade em grupos, e em verdadeiras tribos. “Quem estava dentro da garagem saía, ia para o meio da rua,

organizava-se numa passeata. Carnavalesca. Como coisa do carnaval, embora fora de hora, o carnaval longe, só no ano que vem, o reco-reco passava (Rodrigues, 1987, p. 22).

Não parecia nada. Mas aqueles garotos da praia do Russell uns de boas famílias, calçados, vestidinhos com roupa de tarde, outros de famílias pobres, calças rasgadas atrás, pés no chão, foram ficando Flamengo. Aparecendo nos campos de futebol para torcer por ele. Nas arquibancadas, nas gerais, nos morros (Rodrigues, 1987, p. 23).

Já era possível dizer que ali se instaurava uma nova torcida organizada. Nessa época compareciam para os jogos os pertencentes à elite, tal como os de família pobre. Nos dias de jogos compareciam homens elegantes de terno, gravata e chapéu, além de muitas moças da sociedade com seus chapéus, flores e plumas, dando à arquibancada um ar de jardim. Cores vivas e alegres enfeitavam o ambiente e “quando entrava um gol, as mulheres desfaleciam, pareciam morrerem em estertores. Os homens achavam sublimes” (Rodrigues, 1987, p. 24).

Nesse cenário, Mário Filho, personagem que realizava coberturas jornalísticas, viu a oportunidade de incentivar o público de massa a se oficializar como torcida organizada. Ele exerceu um papel fundamental nesse momento de implantação do profissionalismo, quando, em janeiro de 1933, no Rio de Janeiro, foi criado o campeonato de torcidas e premiação das participações. Outro feito de Mário Filho foi dar nomes aos jogos de “clássicos” do futebol carioca, com isso, os clubes tiveram ainda mais valorização em suas histórias, assim, os jogos de amadores começaram a se transformar em espetáculo de nível nacional.

Em 1920, as torcidas organizadas já eram assunto da imprensa, era citada como a parte mais animada, barulhenta e festiva dos espectadores. Do ponto de vista legal, a Lei Federal 10.671, de 15 de maio de 2003, em seu artigo 2º, também conhecida como Estatuto do Torcedor, define Torcida Organizada como sendo o grupo que se organizava para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. Desta forma, no entendimento de muitos juristas, para que uma torcida organizada tenha sua existência reconhecida, não precisa, necessariamente, encontrar-se legalmente constituída e com estatutos registrados no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, de acordo com o Artigo 45 do Código Civil Brasileiro. Assim, percebe-se como associação, qualquer agrupamento

que tenha por objetivo explícito torcer por uma agremiação esportiva de qualquer modalidade⁴.

A partir da popularização do futebol e da grande massa do público nos estádios para prestigiar as partidas, ficou consagrada a figura do torcedor como parte fundamental de um clube esportivo. O professor em Ciências Sociais, Luiz Henrique Toledo, em seu livro, *Torcidas Organizadas De Futebol*, afirma que

simbolicamente o futebol contaminou o imaginário urbano, recriando comportamentos, inaugurando linguagens, gírias que, como se sabe, vieram a transcender os limites das praças esportivas, enriquecendo uma linguagem popular e urbana, aproximando segmentos sociais até então separados por uma segregação espacial e étnica. Mas o futebol também foi fundamental no ajustamento dos indivíduos (Toledo, 1996, p. 15).

Um dos grandes marcos na história do futebol se deu na década de 1950 com a construção do Maracanã, que se configurou com nova atração, com a grande popularização do esporte e os memoráveis espetáculos da torcida organizada. A partir de então, não se tratavam mais de 10 ou 20 mil pessoas, mais de 120, 150, 170 mil torcedores incentivando e vibrando com o time. Quando o Brasil venceu o seu primeiro campeonato mundial, em 1958, a imagem do Brasil passa a ser o “país do futebol”. É nesse contexto que as torcidas organizadas se consolidam e o “torcedor-símbolo” se personifica. Ao longo dos anos, nota-se que a torcida organizada vai se fortalecendo enquanto grupo, com os espetáculos de cânticos e cores, bandeiras e uniformes personalizados, expressando o clima de disputa e dedicação que eram destinados ao clube.

Historicamente, a torcida jovem do Flamengo foi o primeiro agrupamento a se destacar nas arquibancadas, quando grupos de amigos e familiares iam juntos aos estádios para incentivar o clube a ser melhor. Desse agrupamento surgiu a Charanga Rubro-Negra, fundada em 1942, por Jaime de Carvalho. A utilização de faixas marcava o território a ser ocupado por aquela torcida e informava os demais torcedores comuns de que aquele espaço era reservado à Charanga. Era nesse local que a torcida fazia as coreografias e evoluções, bem como se concentrava na pequena orquestra. A animação da Charanga Rubro-Negra foi sua marca registrada, chegando, inclusive, a ser inspiração para muitas formações torcedoras posteriores.

⁴ Para uma compreensão mais pormenorizada da citada Lei, recomendo a leitura de GOMES, L.F. (org.). **Estatuto do Torcedor comentado, atualizado de acordo com a Lei 12.299, de 27 de julho de 2010**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

Nesse contexto, o entendimento da condição torcedor e sua relação com a torcida organizada é crucial para compreender os contornos, que vão além da mera paixão pelo clube. A organização cria canais de participação popular, para que a coletividade impere no ambiente, desta forma, muitos passam a se comportar de modo diverso. Ora com grupos que têm na violência explícita e gratuita como principal forma de se expressar, ora com a necessidade de vivenciar novas experiências e emoções.

Essas organizações de torcedores são formadas através de paixões individuais que cada um traz consigo por um mesmo time, mas que, em torno de projetos coletivos, adquirem uma dimensão social pautada por interesses comuns. [...] as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade. Estes agrupamentos de torcedores igualmente carregam consigo ambiguidades, contradições, expressas muitas vezes em práticas políticas relacionais e até mesmo clientelistas [...] (Toledo, 1996, p. 32).

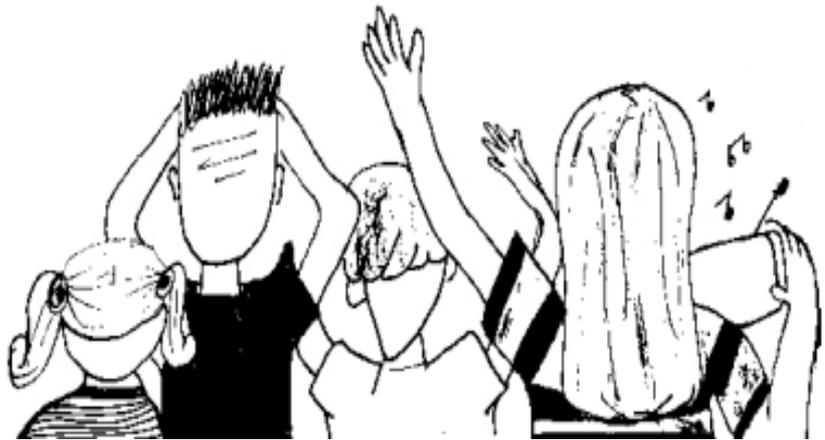
O esporte, em razão de alguns dos elementos que contém e o caracteriza, possui o poder de produzir transformações momentâneas, conscientes ou inconscientes com determinados impulsos que criam uma atmosfera de interação e alianças, de modo que as diferenças culturais ou oposições de classe, por um pequeno momento, desaparecem. Em outros momentos os agrupamentos revelam divergências que têm na violência explícita e gratuita a principal forma de se expressar.

Estes personagens, variáveis de cultura para cultura, os símbolos das torcidas também possuem atributos que excedem à condição humana: são ferozes, criativos, escapando as condutas sociais, desrespeitando, no nível do imaginário do jogo de futebol e sobretudo a atuação dos torcedores organizados que acreditam, dotados destes atributos, poder influenciar nas partidas (cantar, xingar, competir, brigar pelo time) (Toledo, 1996, p. 55).

As torcidas organizadas desempenham um papel fundamental na criação de uma comunidade de adeptos, sejam eles representando o Eros ou Tântatos. A conexão emocional, as interações sociais e a identificação com o clube transcendem o campo de jogo, criando memórias e laços duradouros que atravessam gerações.

A experiência com os cantos disparados nas arquibancadas nem sempre são bem-vistos. Uma série de gritos de guerra, ofensivos, grotescos, satíricos e repletos de significado.

Figura 9 — Desenho autoral representando a torcida do Flamengo



Fonte – arquivo pessoal

Toledo (1996, p. 65) discute acerca do comportamento dos torcedores, para tanto afirma:

Para além da gratuidade e obviedade das agressões disparadas das arquibancadas, como pensam alguns, os duelos verbais travados entre torcedores devem ser compreendidos dentro de uma trama ritual de significações simbólicas, filtradas, codificadas em músicas [...], estes palavrões conservam ainda ecos extremamente longínquos de sua acepção antiga com valores e concepções de mundo que, mesmo fragmentados, trazem vestígios de familiaridade com praça pública e festejos nela celebrados (Toledo, 1996, p. 65).

A agressividade mútua entre as torcidas alimenta cada vez mais as tensões que rondam o ambiente, uma ação, ora exacerbada, que pode trazer circunstâncias excepcionais. A interação verbal ríspida e até física é recorrente nesses momentos, inclusive hostilizando aqueles que estão transitando pela rua, mesmo os que não são adeptos à comunhão do espetáculo. “Com frequência, os indivíduos, na pessoa de torcedores, hostilizam os indivíduos não-torcedores, cidadãos alheios à totalidade imposta pela vontade geral instituída por aqueles (na torcida vale o todo e não o

indivíduo). Não é raro não-torcedores serem execrados (como se fossem os predadores) por grupos torcedores” (Toledo, 1996, p. 70).

Todas essas situações expostas fazem parte das torcidas organizadas observadas, inclusive no futebol. Com situações que alegrem e entristecem, unem e separam, defendem e matam, que transcende as quatro linhas do campo de jogo. Episódios de violência, como brigas entre grupos adversários, vandalismo, arremessos de objetos em campo e agressões físicas, que podem levar à morte, são relatados desde o surgimento desses grupos. Toledo (1996) traz dois fragmentos em seu livro *Torcidas Organizadas de Futebol* que convém compartilhar. O primeiro fragmento trata de cenas ocorridas no estádio Mário Filho, o Maracanã, na década de 1970:

[...] O homem sem um dos braços, armado com uma gilete, enfrenta ferozmente quatro policiais. Enquanto sua mão brande a lâmina com rapidez, os cacetetes açoitam seu corpo sem camisa. Sentindo que leva a pior, o torcedor passa a se autoflagelar, abrindo o próprio peito em sulcos de sangue. [...] A polícia já sabe que o Maracanã de hoje não é o mesmo de uns anos atrás. Procura a solução, mas acaba só sabendo usar também a violências indiscriminada, que gera a revanche e aumenta o terror [...] (Aerosa, 1974 *apud* Toledo 1996, p. 121)

Em um outro fragmento, é possível observar outras modalidades de violência em torno do futebol profissional:

[...] Uma briga entre torcedores do São Paulo e do Palmeiras deixou 102 pessoas feridas, 22 das quais policiais. O confronto ocorreu na decisão da supercopa de juniores, no Pacaembu. Doze pessoas passaram por hospitais de São Paulo. Um torcedor são-paulino está em coma profundo – perdeu algumas atividades cerebrais [este torcedor veio a falecer dias após o ocorrido] [...] (Manchete [...] 1995 *apud* Toledo 1996, p. 122)

Exemplos, como os citados, serviram como marco e, ao mesmo tempo, propulsores de medidas combativas de violência dentro e fora dos estádios, principalmente em dias de jogos. Contudo, de lá para cá pouca coisa mudou, a exemplo de outro episódio que gerou destaque nas páginas esportivas, desta vez, mais recente que as supracitadas. Foi durante a escrita dessa dissertação, quando um caso envolvendo a morte de um torcedor flamenguista, membro de uma torcida organizada, ficou em evidência. A página do G1, informou as seguintes notícias:

Torcedor morre após briga antes de jogo entre Flamengo e Vasco no RJ. Bombeiros do quartel de Campo Grande foram acionados para a ocorrência e encontraram os feridos por tiros e facadas. Um outro torcedor morreu após a briga entre integrantes das torcidas organizadas de Flamengo e Vasco na altura da estação de Cosmos, na Zona Oeste do Rio, no início da tarde deste domingo (22). Quatro feridos foram levados para o Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, também na Zona Oeste, mas um deles não resistiu e morreu, segundo a Secretaria Municipal de Saúde (Globo/ G1 Rio, 2023).

Outra notícia que chocou a população foi nas vésperas do jogo entre o Sport e a Chapecoense. O jornal traz a seguinte notícia:

Dois homens foram espancados em uma briga de torcidas organizadas no bairro de Jardim Monte Verde, no limite entre o Recife e Jaboatão dos Guararapes, logo após o jogo entre o Sport e a Chapecoense, no domingo (22). As duas vítimas foram levadas para unidades de saúde e, de acordo com a Polícia Militar, uma delas ficou gravemente ferida, porque sofreu traumatismo craniano, e precisou ser transferida. Um homem foi preso suspeito das agressões (Globo, G1 Rio, 2023).

O canal CNN Brasil também traz relatos de violências envolvendo torcidas organizadas e jogadores. Um fato marcante ocorreu em fevereiro, momento em que relataram uma notícia chocante:

No dia 24 de fevereiro, o ônibus do Esporte Clube Bahia foi atacado com uma bomba enquanto o time se dirigia para a Arena Fonte Nova, em Salvador, para partida contra o Sampaio Corrêa pela Copa do Nordeste. Na ocasião, o goleiro Danilo Fernandes teve um corte profundo próximo aos olhos. Ainda assim, o Bahia decidiu por realizar o jogo na data. O lateral Matheus Bahia e o atacante Marcelo Cirino também ficaram de fora da partida após serem atingidos por estilhaços. Também no dia 24, a van que transportava a delegação do Náutico após chegarem ao Aeroporto Internacional Gilberto Freyre, em Recife, foi atingida por objetos, que quebraram a janela do veículo e “por pouco não machucando algum passageiro de forma grave” (CNN Brasil, 2023).

Ainda é possível destacar outro acontecimento ocorrido na mesma semana do fato ora citado. O texto afirma que,

Em 26 de fevereiro, em Porto Alegre, a delegação do Grêmio foi atacada por pedras enquanto se dirigia ao Beira-Rio para enfrentar o Internacional. A torcida colorada teria atirado os objetos contra o ônibus da equipe. O meio-campista Matías Villasanti foi atingido na cabeça e sofreu traumatismo craniano e concussão cerebral. Ele chegou a ser internado, mas recebeu alta no dia seguinte. O Grêmio se recusou a disputar o clássico e o Gre-Nal foi adiado

pela federação gaúcha, o que também teve a concordância do Internacional (CNN Brasil, 2023).

Torcedores de Atlas e Querétaro, do México, também protagonizaram uma briga generalizada durante uma partida válida pelo campeonato mexicano.

Pelo menos 26 pessoas se feriram durante os confrontos no estádio Corregedora, sendo que três estão internadas em estado grave. A mídia local chegou a noticiar que pessoas morreram, mas a informação não foi confirmada por órgãos governamentais. Tanto a Liga quanto a Federação Mexicana de Futebol informaram que abriram investigações sobre o incidente. Tanto o jogo entre os dois clubes quanto as demais partidas da rodada do campeonato mexicano foram suspensos. O clube Atlas disse que “lamenta e desaprova” o ocorrido, e que o futebol deve ser um “aliado para promover valores e diversão para toda a família”. O Querétaro também condenou a violência no estádio e afirmou, em comunicado divulgado nas redes, que estão em “coordenação com as autoridades para que atuem vigorosamente contra qualquer responsável” (CNN Brasil, 2023).

Essa violência nas torcidas organizadas pode ser atribuída a diversos fatores. Em muitos casos, a rivalidade entre as torcidas, aliada ao consumo excessivo de álcool e drogas acaba resultando em conflitos ainda mais graves. Os impactos dessa violência são significativos, e podem colocar em risco a integridade física dos torcedores e, até mesmo, de jogadores e equipe técnica. Isso gera um clima de tensão nos estádios que, em determinados momentos, pode afastar outros amantes do futebol.

Desta maneira, conforme supracitado, a violência está presente em vários âmbitos da sociedade, porém, em alguns ambientes ela encontra cenários ideais para que ocorra a sua expansão, e um desses ambientes é em uma torcida organizada, visto ser um lugar onde há uma variada e grande concentração de pessoas, dentre os quais se encontram os violentos, desta forma, a hostilidade acaba tomando proporções que podem ser gigantescas. O estádio por exemplo, pode se tornar um local propício para a ação de indivíduos violentos, já que há uma grande aglomeração de pessoas, de modo que é possível encontrar aqueles que agem de forma instintiva quando provocadas ou não pela forte emoção que envolve o jogo.

Uma reflexão sobre tudo isso é que, diariamente, nos noticiários, presenciamos tristes acontecimentos de confrontos entre torcedores, dentro e fora do estádio. Tais episódios são amplamente divulgados e com grande repercussão

pela mídia, assim como momentos de confraternização quando os torcedores utilizam elementos visuais e sonoros para representarem sua paixão pelo clube. “Ainda que existam diferenciações formais entre as Torcidas Organizadas, sobretudo no que se refere à organização, tamanho, patrimônio construído, elas se assemelham quanto à morfologia interna evidenciada por níveis socioeconômicos e culturais bastante congruentes. A rigor, substancialmente, distinguem-se somente pelo fato de aderirem a times variados” (Toledo, 1996, p.105).

A presença desses elementos contribui para a construção de uma atmosfera de pertencimento e unidade em um grupo. No entanto, é importante notar que nem sempre esse senso de unidade é positivo, adiante mostrarei como essa unidade pode também ser extremamente negativa. Por vezes, a intensidade das manifestações, como cantos agressivos, violência física e aversão ao outro (adversário) realçam o toque de Tânatos no que parece harmonioso.

Nesse contexto, as músicas e gritos de guerra desempenham um papel fundamental na criação de uma conexão entre os torcedores e a manifestação coletiva de seu apoio, bem como a violência do que lhe é oposto. Esses elementos contribuem para demarcar o espaço ocupado pelas torcidas nas arquibancadas e durante o trajeto até o estádio. Essa identificação visual e sonora se torna uma maneira tangível de expressar a paixão e o comprometimento compartilhados.

No entanto, os afetos desmesurados evidenciados pelas torcidas organizadas também carregam consigo uma contradição profunda, assemelhando-se ao que é retratado no filme *A Onda*. O drama, lançado em 2008, retrata ocasiões que lembram essa coletividade presente nas torcidas. O filme revela momentos de uma unidade harmoniosa, apesar de mais adiante no texto vermos que ela também pode ser tóxica. Este emocionante drama aborda a indissociabilidade das ideias e senso de unidade sobre um grupo de pessoas. Ele é baseado na história real ocorrida na Califórnia, em 1967, mas adaptada para os dias atuais.

O enredo se passa em um colégio da Alemanha, onde o professor Rainer Wenger decide realizar um experimento social para ensinar seus alunos sobre autocracia. O carismático professor Rainer Wenger, interpretado por Jürgen Vogel, quer apresentar aos alunos as técnicas de manipulação de grupos, mostrando como o fascismo pode emergir até mesmo em uma sociedade democrática. Ele cria um movimento chamado *A Onda*, que tem como lema "força através da disciplina, força através da comunidade, força através da ação".

Inicialmente, o projeto começa como uma brincadeira, com os alunos adotando um uniforme, um lema e cumprindo regras rígidas, tudo muito bem esquematizado e organizado. A perspectiva freudiana de Eros, o impulso vital que busca a união e a coesão, pode ser observada de maneira profícua no contexto desse longa-metragem. À medida que os alunos se envolvem cada vez mais no movimento criado pelo professor Wenger, é possível perceber uma manifestação de Eros, em que o desejo por pertencimento e conexão se torna dominante. O senso de camaradagem e a sensação de fazer parte de algo maior despertam uma poderosa energia de união entre os membros do grupo, refletindo a busca por vínculos e afiliações que Freud (1998) atribui a Eros.

No entanto, o filme revela de maneira impactante essa unidade harmoniosa que pode rapidamente transformar-se em algo tóxico, quando não são estabelecidos limites saudáveis e quando o impulso por conformidade ultrapassa os limites da razão e da ética. Por meio da lente de Freud (1998), podemos compreender não apenas a dinâmica de formação de grupos e comunidades, da qual a torcida organizada faz parte, mas também os perigos potenciais de uma busca desenfreada por união e identificação coletiva.

À medida que o movimento ganha força, eles começam a se identificar completamente com a ideologia da autocracia, perdendo o senso crítico e a individualidade, o Tântatos começou a se revelar. A indissociabilidade das ideias se torna evidente quando os alunos passam a excluir e maltratar aqueles que não aderem ao movimento. Conforme o experimento avança, os alunos se deixam levar pelo poder e pela influência do professor Wenger, e a linha tênue entre o jogo e a realidade começa a se dissipar. Eles se tornam cada vez mais agressivos, cometendo atos de intimidação e violência contra aqueles que desafiam sua “comunidade”.

Por intermédio dessa narrativa angustiante, o longa metragem explora como uma ideia e elementos que fortalecem os vínculos identitários e afetivos podem transformar indivíduos aparentemente inofensivos em seguidores fanáticos de um movimento, capazes de matar e morrer. Assim, por mais impressionante que seja, não podemos ser totalmente receptivos à informação e às ideologias. Conforme afirma Morin (1986, p. 70),

A ideologia traduz o mundo em ideias e, por isso, interpõe-se entre o mundo e nós no momento em que realiza a comunicação. Somos vítimas da ideologia quando ignoramos que vemos o mundo por intermédio de nossas ideias e quando acreditamos ver o mundo em nossas ideias. Em consequência acreditamos que nossas ideias são o real, o que nos torna desconfiados em relação a todo dado ou experiência que contradiga nossas ideias: é o real que está errado quando contradiz a ideia.

Sendo assim, os alucinados ideológicos veem suas ideias como as únicas reais, coerentes e concretas, em vista disso, seu dispositivo racional se torna o ponto frágil, como explicita Morin (1986, p. 70) no trecho que segue:

O real apresenta-se, pois, como aberração e irracionalidade diante de todo sistema de ideias com que ameaça a lógica (a qual é concebida como racionalidade). Se o real apresenta falhas, se a ideologia começa a soçobrar, então é o real que está doente. Se a ideologia naufraga então o real vai a pique..., mas, então, aquele que sobrevive ao desastre percebe um real complemento novo: esse real, sem dúvida, já existia, mas ele não tinha palavras para concebê-lo, não tinha lógica para organizá-lo... precisa, então, converter-se a um novo mundo. É isso mesmo: a conversão.

Compreendo, pois, que uma ideologia, mesmo aberrante para mim, constitui uma dimensão da realidade do outro, capaz de coagir o outro e torná-lo escravo. O filme, por exemplo, levanta questionamentos sobre a necessidade de pertencer a um grupo e o perigo de se render à uniformidade de pensamento. Ou seja, o alerta que a obra propõe aponta para os perigos de seguir ideologias sem questionamento ou reflexão crítica, enfatizando a importância da individualidade e da diversidade de opiniões em uma sociedade saudável.

Uma ideologia baseia-se numa teoria. [...] Uma teoria que se fecha para o real torna-se doutrina. A doutrina é a teoria que afirma que sua verdade está definitivamente provada e refuta todos os desmentidos do real. A doutrina-cidadela brinda seus axiomas, que então se tornam dogmas. Uma doutrina é, em princípio, inexpugnável. Mas as fortalezas inexpugnáveis sem dúvida acabam demasiado tarde, sucumbindo senão ao assalto do real, pelo menos ao desgaste do tempo (Morin, 1986, p. 74).

O filme *A Onda* pode ser relacionado com as ideologias das torcidas organizadas e a violência de alguma maneira. Embora o enredo do filme não se concentre especificamente em torcidas organizadas, é possível perceber que ele aborda questões relevantes para a compreensão da violência em grupos. Uma das principais conexões pode ser vista na construção do senso de pertencimento e

identificação coletiva. Tanto no filme quanto nas torcidas organizadas, há um forte elemento de busca por um grupo no qual os indivíduos se sintam parte e compartilhem uma identidade em comum. Essa identificação pode gerar um sentimento de união e de camaradagem entre os membros do grupo, o que pode ser positivo em muitos aspectos.

A antropóloga Rosana da Câmara Teixeira adentra ao mundo das torcidas organizadas, com o seu livro *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*, para descrever as vivências ocorridas dentro e fora dos estádios. A autora traz entrevistas feitas ao público mais jovem e aos veteranos. Alguns torcedores trazem em seus depoimentos a relação que se estabelece nos grupos, segundo a autora, “alguns informantes pensam que além do amor ao time, há outras motivações responsáveis por essa aproximação. Ver a torcida no estádio, ter amigos que já participem, a expectativa de conhecer jogadores e até mesmo as brigas são algumas das razões” (Teixeira, 2004, p. 61)

De um modo geral, os depoimentos revelam a ideia de amor ao time de forma incondicional. Por não existir critérios para adentrar a um grupo de torcida organizada, basta apenas alguns dados pessoais e o amor ao clube, que é requisito fundamental. Isso gera dificuldades de controlar os membros, já que a torcida é representada como um lugar de democracia, onde as várias experiências e diferentes ideias são expressas. A seguir, exponho alguns depoimentos obtidos por Teixeira (2004) e registrados em seu livro.

Às vezes é um garoto novo, mas tu vai ver é um cara estragado, é drogado, e você não pode excluir, discriminar ele por isso, ou por aquilo outro. Você tem que aceitar, mas ele acaba até integrando ali, de certo modo...

Nós somos todos iguais, a gente não tem raça, não tem racismo, tem gente rica, tem gente pobre, nós somos todos iguais. O importante é torcer pelo flamengo (Teixeira, 2004, p. 62).

O manifesto começava por reafirmar o direito dos torcedores de se expressarem, justamente porque são independentes da política interna do clube. O vínculo com o botafogo está ‘na paixão e no amor que os leva a suportar sol e chuva, trens e ônibus lotados, desconforto nas arquibancadas, sabendo que chegarão ao trabalho na manhã seguinte para se tornarem alvos das piadas dos torcedores adversários, como vem acontecendo nos últimos cinco anos (Teixeira, 2004, p. 64)

O Eurico Miranda tentou proibir a nossa entrada, não por que nós arrumamos confusão ou briga, mas por que a gente ficava gritando

“Eurico, 171”. Então a gente ficava perturbando ele, então ele fez de tudo para proibir a nossa entrada, só que botou segurança particular, da primeira vez e a gente passou por cima dos caras e botamos nossa faixa. Aí ele veio e pediu para a polícia tirar, aí a gente conseguiu uma liminar na justiça para garantir nosso direito de torcedor, de botar uma faixa, de usar uma camisa, de torcer com instrumento. [...] A polícia veio, mas a polícia estava do nosso lado, a gente estava com o documento da justiça... Só que o policial lavou as mãos, tipo assim: “eu estou a favor de quem?” Então, quando teve a confusão a polícia ficou desorientada. Mas depois fui falar com o major e ele falou: “Não, vocês estão certos”. Quer dizer, apesar da confusão, a gente conseguiu (Teixeira, 2004, p. 66).

Não importa o que você é. Se é maluco, advogado, polícia, qualquer segmento social. Importante é que você seja flamengo [...] têm vários torcedores aqui, vários componentes nossos que falam de política, uns são PDT doente, uns são PT, uns gostam de Che Guevara. Outros já são mais do lado de Deus, e assim vai [...] Têm vários tipos de componentes aqui, aqui tem de tudo (Teixeira, 2004, p. 123).

De algum modo, é possível perceber que os torcedores realizam atividades independentes dos clubes, são competitivos e se sentem mais fortalecidos e dispostos quando estão agrupados. Muito embora ocorram vários conflitos e tensões na torcida, a intenção que a grande maioria demonstra é de impactar positivamente a vida dos membros e do clube. Os entrevistados relatam que muitos clubes e dirigentes não gostam da torcida organizada porque é um grupo que está sempre criticando e querendo o melhor para a equipe. Logo, apesar de se darem bem com o clube, recorrentemente, frustram-se com as atitudes de jogadores, o que fica evidente nos trechos:

Nego não tem amor nenhum, não tem nada ali que segure o cara. Não é dinheiro, o cara está ali até por qualquer outro motivo, menos amor e até menos dinheiro. A gente está ali se matando, para o cara chegar e dar declarações absurdas, falar um monte de besteiras do time que a gente ama, que a gente gosta. Dói, qualquer torcedor comum também se dói com isso e a gente também por que a gente é louco, né? A gente não quer nem saber de porcaria nenhuma, nós vamos pra lá de qualquer jeito. [...]

O Zico foi ídolo de qualquer torcedor do flamengo por que além dele ser um puta craque, ele era um puta profissional. Ele honrava a camisa que ele vestia. E respeitava a torcida. Quando acabava o jogo... que ele ganhava de goleada, ele batia palma, agradecia a torcida... pô, eu falo isso, eu me arrepio. Lógico que igual Zico para o flamengo, nunca vai existir.

Zico é incomparável. O Zico é o Pelé do flamengo. Não vai ter igual. Pode botar 10 Romários que não vai ser igual ao Zico (Teixeira, 2004, p. 70-71).

Assim, os torcedores organizados, em sua grande parte, integram-se ao grupo com o desejo de manifestar seus sentimentos de encanto e afirmação de identidade coletiva. No entanto, assim como ocorre com *A Onda*, existe o risco de essa identidade coletiva levar a uma atitude violenta ou agressiva. Nas torcidas organizadas, a rivalidade com outros grupos pode levar a confrontos físicos, vandalismos, brigas e, até mesmo, mortes. Da mesma forma, no filme, os alunos do experimento social começam a agir de forma violenta e discriminatória em relação aos que não fazem parte de *A Onda*. Essa violência é alimentada pela sensação de poder, da perda da individualidade e da supressão da reflexão crítica.

Em determinados momentos do filme, o professor faz algumas exigências, como, por exemplo, posicionar os estudantes de acordo suas notas, sempre que fossem fazer uma colocação deveriam se levantar, fazer uma saudação imitando o movimento de uma onda, e dar respostas curtas. Os alunos deveriam se vestir com roupas iguais, para que não acontecesse a distinção entre eles, de modo que ficassem cada vez mais unidos. Foi criado também um símbolo, promovidas festas apenas para membros e dispensado tratamento hostis aos que não fizessem parte do grupo.

No livro, Teixeira (2004) entrevista uma pessoa que faz a seguinte colocação: “A gente vai fazer uma camisa, uma touca, um boné com a foto do Che Guevara de 30 anos, porque Che Guevara completou 30 anos de morte e a torcida vai fazer 30 anos em dezembro, (1997) vai parecer uma coisa só. A gente se identificou com a causa dele” (Teixeira, 2004, p. 84).

Em ambos os casos, tanto no filme como nesse trecho. Fica evidente que as escolhas dos elementos possuem características semelhantes, revelando como a identificação coletiva pode servir como um terreno fértil para a violência. Quando a lealdade ao grupo é levada ao extremo, as consequências podem ser devastadoras. É importante ressaltar que nem todas as torcidas organizadas promovem violência, assim como nem todos os movimentos coletivos se tornam violentos. “Certos sentimentos, relações e valores são não apenas permitidos, mas especialmente colocados em destaque, explicitando a tensão e o antagonismo como constitutivos do relacionamento entre esses agrupamentos” (Teixeira, 2004, p. 93). No entanto, é preciso estar atento aos riscos que podem estar presentes quando o senso de coletividade se sobrepõe aos valores individuais e à ética, resultando em atos violentos prejudiciais, tanto para os próprios membros quanto para a sociedade.

Nesse sentido, as concepções freudianas do Tânetos na psicologia humana, representando a tendência autodestrutiva, encontram eco nas contradições e perigos que podem surgir da paixão incontrolável e cega, demonstrada não apenas na dramaturgia, mas também na realidade das torcidas organizadas.

Dentro do estádio, não é diferente do que se passa no filme, a atmosfera é carregada de emoções, reflexos de momentos passados e conexões afetivas. A presença da multidão, as brigas, os cânticos e a interação com outros torcedores evocam memórias e sentimentos que remontam à infância e a experiências anteriores. O sociólogo e antropólogo Marcel Mauss nos auxilia nas observações precedentes sobre as manifestações coletivas da torcida organizada, quando afirma que:

Todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica (Mauss, 1997, p. 153).

Acerca das manifestações coletivas, Mauss (1997) ressalta o papel da linguagem simbólica na expressão e na comunicação dos sentimentos do grupo. Nesse contexto, os cânticos e ações da torcida organizada não são meras manifestações individuais, mas uma maneira de se expressar aos outros e reforçar a conexão com a comunidade. Essa manifestação de amor ou ódio pode ser vista em todo lugar, desde as arquibancadas até as ruas da cidade. Por outro lado, podemos notar que todos os comportamentos observados nos grupos de torcidas organizadas são expressivos e, muitas vezes, ditam a conduta torcedora. Quando extravasados os limites, vistos pela sociedade como aceitos, “perdem o caráter de permissividade e certa tolerância, passando a adquirir características nitidamente transgressoras, de baderna, caos e maior possibilidade de conflitos. É o que ocorre, com frequência, com a intenção entre torcedores e não-torcedores” (Mauss, 1997, p. 173).

A experiência de assistir ao jogo ao vivo e compartilhar o momento com a torcida organizada é uma vivência que transcende o esporte em si, majoritariamente, é impossível de externar o sentimento conforme ele acontece dentro do íntimo de cada um. A conexão emocional, as interações sociais e a sensação de fazer parte

de algo maior criam uma memória duradoura e significativa. O torcedor se identifica com o clube, vendo no time uma extensão de si mesmo e da sua comunidade. Isso é parte da história e da cultura. Segundo escreveu o Doutor em Antropologia Social, Souza (2016, p. 17), em sua tese:

Torcedor e clube estão imbricados numa relação quase que existencial, como se amalgamados estivessem transitando o emocional e o corpóreo, tornando-se compreendidos apenas pelos muitos outros que comungam da mesma relação, que ao mesmo tempo é única e plural. Comunicam-se através de um idioma próprio, com expressões construídas e singulares ao meio futebolístico; e assim: o torcedor não entra em campo, mas é o “décimo segundo jogador” do time; aquele que veste orgulhosamente a camiseta do clube como sua “segunda pele”; aprende a idolatrar o jogador que tem “a cara da torcida” e põe “o 18 coração na ponta das chuteiras”; esse é o torcedor, aquele que ama e reverencia a bandeira do clube como um “manto sagrado.

A devoção pelo time de futebol se estende para além das fronteiras do estádio, alcançando todos os que compartilham desse sentimento. Mesmo aqueles que não são entusiastas do esporte podem ser tocados pela intensidade das manifestações da torcida organizada. Os espetáculos de massa ressaltam a capacidade desses eventos em provocar exaltação, unindo as pessoas em um sentimento coletivo, assim, a personalidade se dissolve nas massas. “Esses grupos de torcedores, reconhecidos no meio futebolístico por “torcedores uniformizados” e/ou “torcedores organizados”, desenvolveram necessidades próprias de se diferenciarem dos demais frequentadores dos estádios - os torcedores comuns -, criando formas peculiares de torcer, de se representarem, e se identificarem enquanto tal” (Souza, 2016, p. 94).

A construção dessa identidade coletiva está enraizada na noção de pertencimento e amor pelo clube. Por exemplo, quando o time é derrotado, o revés não apenas reforça a resiliente ligação entre torcedores e clube, mas também ressalta a importância de estratégias adaptativas. A habilidade dos jogadores de transformar objetivos pessoais em objetivos de equipe emerge como um aspecto vital no processo de superação. Esse ajuste de perspectiva, corroborado pelo próprio ato de torcer, indica a disposição de indivíduos para subordinar interesses pessoais em prol do coletivo.

A experiência de fazer parte de uma torcida organizada é sustentada por uma combinação intrincada de emoções, rivalidades e competitividade. Esses elementos

constituem o alicerce sobre o qual a relação entre torcedor e clube é construída, “[...] essencialmente esse lazer que diz respeito à cultura de massa; ela ignora os problemas do trabalho, elas se interessam muito mais pelo bem-estar. [...] Dirige-se às necessidades da vida do lazer, às necessidades da vida privada, ao consumo e ao bem-estar (Morin, 1967, p. 73).

A capacidade de enfrentar as vitórias e derrotas com devoção e determinação reflete a essência do torcedor, que se entrega plenamente à causa. A esperança permeia as ações e decisões dos indivíduos, influenciando sua busca por mudanças e melhorias. Morin (1967, p. 74) ressalta:

Mas o que também existe, nos espetáculos esportivos, nos jogos radiofônicos e televisados, nas saídas e nas partidas, nas férias, é um retorno maciço às fontes infantis do jogo. Jogo e espetáculo mobíliam uma parte do lazer moderno. Nada disso é absolutamente novo, pois os espetáculos, assim como os jogos (de azar ou de competição), sempre estiveram presentes nas festas e nos lazers antigos. O que constitui novidade é a extensão televisonária ou teleauditiva do espetáculo, abrindo-se até os horizontes cósmicos, são os progressos de uma concepção lúdica da vida.

O engajamento da torcida organizada em meio às vitórias e derrotas transmite a mensagem de que, assim como no esporte, a perseverança, a resiliência e a busca por um futuro melhor são fundamentais para a jornada humana, uma jornada cheia de obstáculos, com acertos e erros, mas que revela seus ensinamentos no percurso. Embora, esses sentimentos também evidenciem uma dupla condição humana: somos *sapiens* e *demens* flechados constantemente por Eros e Tântatos.

Reconhecer essa ambiguidade é fundamental para avançarmos na jornada complexa, compreendo que é de extrema importância uma abordagem interdisciplinar na compreensão das complexidades humanas. Esse conceito pode ser aplicado à experiência vivenciada durante a jornada até o estádio de forma metafórica, quando indivíduos com diferentes pensamentos, sejam eles de amor pelo o time que defende, seja com brigas ou comemorações, vida e morte, se entrelaçam para formar uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais presentes. Diante disso, observa-se que o fenômeno do futebol possui a notável capacidade de unir e desunir, agregar e desagregar, ao mesmo tempo ser porção de vida e morte de diversas origens culturais em torno de um desejo coletivo

singular: o entusiasmo compartilhado de celebrar um gol. Em alguns momentos, é possível até observar uma espécie de reciprocidade positiva entre as torcidas.

Uma torcida amiga é aquela pela qual se tem respeito, uma relação sem conflito, em que prevalece o entendimento ou, pelo menos a disposição para tal [...] Algumas torcidas chegam a empregar a denominação de “irmã” ou “co-irmã” para designarem algumas de suas ligações [...] uma torcida com a qual se mantém relações recíprocas de lealdade, solidariedade e retribuição de favores torna-se um “parente”, deixando de ser um inimigo em potencial. Convertidas em “irmãs”, estabelece-se entre as torcidas uma espécie de “parentesco por ficção” (Teixeira, 2004, p. 138, grifos do autor).

As torcidas organizadas desempenham um papel fundamental na criação de uma comunidade de adeptos sejam eles representando o Eros ou Tântatos. A conexão emocional, as interações sociais e a identificação com o clube transcendem o campo de jogo, criando memórias e laços duradouros que atravessam gerações. Dessa forma, nós participamos do universo à altura da mão, contudo, fora do alcance da mão. “Assim, o espetáculo moderno é ao mesmo tempo a maior presença e a maior ausência. É insuficiência, passividade, errância televisual e, ao mesmo tempo, participação na multiplicidade do real e do imaginário” (Morin, 1967, p. 75).

4 POSSIBILIDADES PARA O BOM ENSINO

À medida que adentro nesse capítulo, convido você a uma exploração sobre as possibilidades de ensinamentos e aprendizados advindos de uma torcida organizada. Esse lugar pode se tornar um terreno fértil para novas interações que unem (Eros) ou desunem (Tânatos) os indivíduos. Ao examinar o entusiasmo compartilhado em torno do futebol, sugiro que essa paixão seja canalizada de forma a enriquecer o aprendizado dos alunos, estabelecendo uma conexão mais profunda com suas experiências cotidianas.

A dinâmica de uma torcida organizada oferece um cenário rico para compreender as nuances das relações humanas, desde a camaradagem e união, até os conflitos e rivalidades. Ao vivenciar as emoções intensas e as interações sociais presentes nesses grupos, os indivíduos têm a oportunidade de aprender sobre trabalho em equipe, respeito mútuo, gestão de conflitos e identidade coletiva.

Essas lições não apenas complementam os aspectos acadêmicos do aprendizado, mas também contribuem para o desenvolvimento pessoal e social dos participantes. Nesse sentido, concordo com o filósofo Byung-Chul Han quando aponta que “O entretenimento de massa [na qual o futebol está inserido] faz com que significados e valores circulem pelo caminho narrativo e emotivo. Ele também forma sentimentos que são constitutivos para a percepção” (Han, 2019, p. 37).

Além disso, ao reconhecer a paixão e o engajamento que os membros de uma torcida organizada demonstram em relação ao seu time, podemos explorar maneiras de aproveitar essa energia e entusiasmo no contexto educacional. Por exemplo, atividades que envolvam análise crítica, debates sobre estratégias ou, até mesmo, projetos de pesquisa sobre a história e cultura podem servir como pontes para promover uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Ao fazer essa conexão entre o mundo do esporte e o ambiente educacional, podemos ampliar as oportunidades de aprendizado dos alunos, tornando o processo de ensino mais envolvente e relevante para suas vidas. É fundamental reconhecer e aproveitar os recursos e interesses existentes na comunidade escolar — como o amor pelo futebol — para criar experiências de aprendizado que sejam autênticas e motivadoras para os estudantes.

Ao integrar as perspectivas de Han (2019), é possível vislumbrar como o entretenimento pode ser uma ferramenta poderosa para enriquecer experiências de

aprendizado. Han (2019) destaca a capacidade de o entretenimento envolver as pessoas de maneira emocional e cognitiva, tornando o processo de aprendizagem mais dinâmico e acessível. Em suas palavras, “O entretenimento é saudável na medida em que ele “balança o corpo curativamente”. À alternância entre afetos negativos e positivos surtem um “movimento interno” que demanda “toda a ocupação vital no corpo” (Han, 2019, p. 35, grifos do autor). No entanto, é crucial manter um equilíbrio entre o entretenimento saudável e a reflexão crítica. A Figura 10, a seguir, registra um desses momentos de entretenimento entre alunos.

Figura 10 — Apresentação teatral para crianças e adolescentes



Fonte – Arquivo pessoal.

O entretenimento, quando utilizado de forma consciente, pode estimular o interesse dos alunos e facilitar a compreensão de conceitos complexos. Atividades lúdicas, como jogos educativos, simulações, apresentações teatrais e debates baseados em filmes ou programas de televisão, podem proporcionar uma abordagem mais envolvente e memorável do aprendizado. Essas experiências não apenas tornam o processo educativo mais atraente, como também permitem que os alunos se conectem de forma mais profunda com os conteúdos estudados. Ao mesclar o jogo de futebol e toda sua massa de adeptos, como entretenimento positivo, ao ensino-aprendizagem, coadunamos com Han (2019, p. 38) quando afirma que “O entretenimento é um desenfardo do ser, que, além disso, produz

prazer”. Em outras palavras, entretenimento pode ser sinônimo de aprendizagem prazerosa.

No entanto, é importante estar atento aos riscos do entretenimento superficial, que pode levar à distração e à superficialidade no processo de aprendizagem. Han (2019) adverte sobre os perigos de uma cultura de entretenimento excessivo, que pode minar nossa capacidade de reflexão profunda e análise crítica. Portanto, é essencial cultivar uma abordagem equilibrada, em que o entretenimento seja utilizado como uma ferramenta complementar ao pensamento crítico e à reflexão.

Ao integrar o entretenimento ao ambiente educacional, os educadores podem criar experiências de aprendizado mais dinâmicas e significativas, capazes de engajar os alunos em um nível mais emocional e intelectual. Ao mesmo tempo, é fundamental incentivar uma postura crítica em relação ao divertimento, capacitando os alunos a avaliar de forma crítica as mensagens e informações que recebem. Dessa forma, podemos aproveitar o potencial do entretenimento como uma ferramenta valiosa para promover um aprendizado mais envolvente, enquanto cultivamos habilidades essenciais para o desenvolvimento intelectual e emocional dos estudantes. Em síntese, o futebol e a torcida organizada possuem elementos relevantes para captarmos e trazeremos à educação.

Além de explorar a interseção entre entretenimento e educação, é fundamental aprofundar a reflexão sobre a necessidade de resgatar o pensamento crítico e valorizar o tempo livre como oportunidades para contemplação e crescimento pessoal genuíno. Nesse sentido, as ideias de Han (2019) e Morin (1967) oferecem *insights* valiosos que enriquecem essa discussão.

Han (2019) destaca a importância de encontrar um equilíbrio saudável entre o entretenimento e a reflexão crítica. Suas ponderações sobre o papel do entretenimento na sociedade contemporânea ressaltam como o excesso de estímulos superficiais pode minar nossa capacidade de pensar profundamente e de nos conectar verdadeiramente com nós mesmos e com os outros. Por isso, podemos compreender como ele nos convida a repensar nossa relação com o entretenimento, buscando uma abordagem mais consciente e equilibrada. Em suas palavras,

O entretenimento é saudável na medida em que ele “balança o corpo curativamente” [...]. O bom entretenimento é tão saudável quanto a massagem corporal oriental: “a agradável fraqueza que se segue a

tal sacudimento por meio do jogo dos afetos é um gozo do bem-estar produzido pelo equilíbrio de algumas forças vitais em nós; o que em última instância, leva ao mesmo bem estar que os voluptuosos do Oriente acham tão agradável, quando eles por assim dizer, costumam os seus corpos e deixam que seus músculos e juntas sejam levemente pressionados e picados (Han, 2019, p. 35).

Essa reflexão me faz pensar na importância de resgatar o pensamento crítico, a introspecção e a valorização do tempo livre como momentos de autêntica contemplação e progresso pessoal. Os efeitos do entretenimento na construção da identidade e na dinâmica das relações sociais pode ser enriquecedor, criativo e estimulante, ou superficial, instantâneo e prejudicar nossa capacidade de reflexão profunda e de conexões verdadeiras com os outros.

Estamos vivendo em uma realidade cada vez mais entrelaçada ao entretenimento, logo é necessária uma análise profunda, quanto os aspectos positivos e negativos dessa cultura, buscando uma relação mais genuína e significativa com o mundo ao nosso redor, é preciso a valorização do tempo livre como momentos de contemplação e de enriquecimento pessoal.

Seria o entretenimento, de que tanto se fala hoje, apenas um fenômeno batido, que de fato ganha um significado atualmente por algum motivo; no qual, porém, não se anuncia nada de novo? Enuncia-se em um estudo: “Pode se retorcer e interpretar o quanto quiser: humanos simplesmente se entretêm de bom grado – sozinhos, com outros, sobre outros e sobre Deus e o mundo, e eles são completamente loucos por histórias de aventura, imagens coloridas, músicas boas e jogos de todos os tipos (Han, 2019, p. 52).

Estar em uma torcida organizada é um momento de entretenimento e ensinamentos para os fãs de esportes. Esses agrupamentos oferecem uma oportunidade de socialização, identificação e diversão para os seus membros. No entanto, assim como o entretenimento em geral, é importante observar como essas torcidas podem ter efeitos tanto positivos quanto negativos.

Por um lado, as torcidas organizadas podem proporcionar um sentimento de pertencimento e união entre os seus membros. Elas se tornam um espaço de expressão coletiva, em que os indivíduos aprendem e ensinam, compartilhando emoções intensas e vivências. Além disso, as torcidas também podem contribuir para o fortalecimento da identidade regional e cultural, valorizando tradições e símbolos associados ao time.

No entanto, é importante notar que algumas torcidas organizadas podem transitar em uma linha tênue entre o entretenimento saudável e a agressividade. A rivalidade acirrada entre torcidas de times diferentes pode resultar em episódios de violência, conflitos e comportamentos destrutivos. Essa é uma das facetas do entretenimento desenfreado, quando o prazer instantâneo de se envolver em uma rivalidade pode levar a consequências fatais.

A dor é elevada a um princípio de vida. Apenas por causa da dor o ser humano sente a vida: sentir a sua vida, se divertir, é, então nada mais senão sentir-se continuamente impulsionado a sair do estado atual (que, portanto, tem de ser justamente uma dor tão frequentemente recorrente). A “satisfação (*acquiescentia*)” é inalcançável pelo ser humano. A natureza “põe a dor nele como espora para a atividade, [espora] a qual ele não pode escapar. A dor evita a ausência fatal de vitalidade: Estar (absolutamente) satisfeito na vida seria repouso inativo e parada das molas, ou sufocamento das sensações e da atividade a elas ligadas (Han, 2019, p. 35).

Esta análise revela a maneira pela qual eu, enquanto torcedora, sou profundamente impactada por meio de experiências singulares junto a uma torcida organizada e, mais relevante ainda, é pensar como tal relação pode ser vinculada a um modelo educacional que visa à proximidade e partilha, especialmente no âmbito do ensino. Nesse contexto, minhas experiências na esfera educacional destacam de maneira contundente a fragmentação que ainda subsiste entre o ambiente escolar e os alunos, resultando, por conseguinte, em um paradigma de ensino que, muitas vezes, não objetiva estimular o interesse dos estudantes e incorporá-los de maneira mais intrínseca ao processo educativo.

Contrapondo-se a esse cenário, emerge a percepção de que o fenômeno do futebol possui a notável capacidade de ativar impulsos nervosos que, por sua vez, desencadeiam respostas distintas em cada ser. Essa perspectiva, manifesta a inegável realidade de que o entretenimento e o ensino, independente do momento, entranham profundamente o nosso existir, representando um desafio premente de transformar a trajetória da aprendizagem em uma empreitada educacional cheia de desafios, capaz de entrelaçar a esfera racional com a emocional.

Diante desse cenário, em circunstâncias em que diferentes emoções vêm à tona, os reinos de influência também assumem contornos distintos. Tais cenários frequentemente carecem de compartilhamento e colaboração, derrubando barreiras que obstruem o caminho para a constituição de comunidades verdadeiramente

sociais. O desdobramento de tais relações, seja no caráter social ou antissocial, encontra-se intrinsecamente atrelado à disposição emocional com que o indivíduo adentra o cenário comunicativo. Em consonância com isso, toda ação empreendida pelo ser humano alicerça-se nas emoções e entretenimentos, cuja influência é determinante para a concretização do ato em si com uma reflexão crítica.

Por sua vez, as ideias de Morin (2015) sobre a importância da reflexão crítica e do pensamento complexo oferecem uma base sólida para entendermos como podemos integrar o entretenimento ao processo educacional de maneira eficaz. Morin (2015) nos lembra da necessidade de uma educação que vá além da mera transmissão de conhecimentos, incentivando os alunos a questionarem, refletirem e se engajarem de forma significativa com o mundo ao seu redor. Em outras palavras, “A nova sabedoria implica a compreensão de que toda vida pessoal é uma aventura inserida em uma aventura social, ela mesma inserida na aventura da humanidade” (Morin, 2015, p. 37).

Ao contextualizar as acepções desses autores dentro do debate sobre entretenimento e educação, podemos enxergar como suas ideias se complementam e se aplicam ao conjunto educacional atual. Em um mundo cada vez mais inundado por estímulos midiáticos e formas de entretenimento, é crucial cultivar a capacidade de discernimento e reflexão crítica entre os alunos, preparando-os para enfrentar os desafios complexos do século XXI.

Nesse viés, estamos de acordo com Morin (2015, p. 25) quando defende que “Viver é ter necessidade, para agir, de conhecimentos pertinentes que não sejam nem mutilados nem mutilantes, que situem qualquer objeto ou acontecimento em seu contexto e em seu complexo”. Ao fazer isso, podemos aproveitar ao máximo o potencial do entretenimento como uma ferramenta para promover um aprendizado mais envolvente e significativo, ao tempo em que cultivamos habilidades essenciais para o desenvolvimento pessoal e intelectual dos estudantes.

Além dessa perspectiva que conecta entretenimento e educação, também é necessário somar o atual cenário de incertezas globais, afinal, “viver é uma aventura que implica incertezas sempre renovadas, eventualmente com as crises ou catástrofes pessoais e/ou coletivas” (Morin, 2015, p. 25). Assim sendo, torna-se cada vez mais evidente a urgência de repensar não apenas a educação, mas também nossas abordagens em relação ao conhecimento e à aprendizagem. É crucial reconhecer a complexidade inerente ao mundo e adotar uma visão mais

integrada e holística, que valorize a interconexão entre diferentes áreas de saber. Em seu livro *Ensinar a Viver*, Morin (2015, p. 17) analisa o contexto supracitado:

Nada indica, porém, que estejamos imunizados contra novas certezas vãs, novos erros e ilusões não detectados. A rarefação do reconhecimento dos problemas complexos, a superabundância e os saberes separados e dispersos, parciais e fragmentários, cuja dispersão e fragmentação são em si mesmas fontes de erro, tudo isso nos confirma que um problema-chave de nossa vida de indivíduo, de cidadão, de ser humano na era planetária, é o problema do conhecimento. Por toda parte ensinam-se os conhecimentos, em nenhum lugar se ensina o que é o conhecimento, enquanto um número cada vez maior de investigações começa a penetrar nessa zona, a mais misteriosa entre todas, a do cérebro/mente humanos.

Nesse cenário, é fundamental promover um diálogo interdisciplinar e colaborativo, que permita uma compreensão mais ampla e contextualizada das questões que enfrentamos como sociedade. Ao invés de fragmentar o conhecimento em disciplinas isoladas, devemos buscar uma abordagem que reconheça e celebre a interdependência e a interrelação entre os diversos campos do saber. Coaduno com Morin (2015, p. 27), pois, segundo ele, “Ao parcelar os conhecimentos em fragmentos separados, nossa educação não nos ensina senão muito parcial e insuficientemente a viver, ela se distancia da vida ao ignorar os problemas permanentes do viver que acabamos de evocar”.

Isso implica em valorizar não apenas o conhecimento especializado, mas também as perspectivas e *insights* que emergem da interseção entre diferentes disciplinas e áreas de estudo. Ao adotarmos uma visão mais integrada do conhecimento, podemos desenvolver uma compreensão mais profunda e abrangente dos desafios que enfrentamos, assim, encontrar soluções mais eficazes e sustentáveis.

Além disso, é importante destacar que essa abordagem integrada do conhecimento também nos ajuda a cultivar uma mentalidade mais adaptável e resiliente, capaz de lidar com a complexidade e as incertezas do mundo contemporâneo. Ao invés de buscar respostas definitivas e absolutas, é preciso aprender a lidar com a ambiguidade e a incerteza, reconhecendo que o conhecimento é fluido e está em constante evolução. Afinal, como salientam Almeida e Carvalho (2009) *apud* Morin (2015, p. 37), “o futuro é absolutamente incerto, é preciso pensar com e na incerteza, mas não a incerteza absoluta, por que

sempre navegamos num oceano de incertezas por meio de arquipélagos de certezas locais”.

Quanto ao fenômeno das torcidas organizadas, elas oferecem um espaço importante de socialização, identificação e diversão para seus membros, contexto que podemos adaptar à realidade escolar, dado que ele pode ser compreendido como parte do bom entretenimento. No entanto, é crucial estar atento aos potenciais comportamentos agressivos e destrutivos que podem surgir de rivalidades exacerbadas entre diferentes grupos de torcedores, ambiguidade também observada nos desafios constantes à educação.

Outro ponto relevante que não posso esquecer enquanto redijo esse capítulo é integrar os conceitos de Eros e Tânatos à reflexão sobre o papel das torcidas organizadas no contexto educacional. Enxergo a importância de abordar não apenas o aspecto positivo do Eros, mas também o desafio representado pelo Tânatos. Em outras palavras, os educadores devem estar atentos não apenas à paixão e ao entusiasmo dos alunos e à torcida no grito uníssono de gol do seu time, como também aos potenciais comportamentos agressivos e destrutivos que podem surgir de rivalidades exacerbadas (Tânatos).

Nesse sentido, é crucial promover uma cultura de respeito mútuo, diálogo e cooperação dentro das comunidades escolares, buscando canalizar a energia e o entusiasmo que tanto vemos por parte das torcidas organizadas de forma construtiva (Eros). Ao mesmo tempo, é fundamental oferecer suporte e orientação aos alunos para lidar de maneira saudável com conflitos e rivalidades, cultivando habilidades de comunicação eficazes, resolução de problemas e empatia.

Dessa forma, ao reconhecer e compreender a interação entre Eros e Tânatos tomando como símbolo as torcidas organizadas, os educadores podem criar estratégias mais eficazes para promover um ambiente escolar inclusivo, seguro e enriquecedor. Ao integrar esses elementos psicológicos à abordagem educacional, podemos ajudar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos e dos outros, com resiliência e coragem, ante os desafios imperativos sempre trazidos pelo Tânatos. A Figura 11, a seguir, representa um caminho possível para práticas de promoção desse ambiente escolar inclusivo.

Figura 11 — Apresentação de trabalhos em uma quadra de esportes



Fonte- Arquivo pessoal.

Na sociedade contemporânea, somos confrontados com uma enxurrada de informações provenientes de diversas fontes, o que, muitas vezes, resulta em uma compreensão superficial e fragmentada do conhecimento. Morin (2015) enfatiza a importância de adotarmos uma abordagem que reconheça a interconexão entre as diferentes partes do saber. Ele destaca a necessidade de uma reflexão contínua e da busca por conhecimentos pertinentes, capazes de abordar os desafios existenciais que enfrentamos. Nas palavras do filósofo:

Uma educação regenerada não poderia por si só mudar a sociedade. Mas poderia formar adultos mais capazes de enfrentar os seus destinos, mais aptos a expandir seu viver, mais aptos para o conhecimento pertinente, mais aptos a compreender as complexidades humanas, históricas, sociais, planetárias, mais aptos a reconhecer os erros e as ilusões no conhecimento, na decisão e na ação, mais aptos a enfrentar as incertezas, mais aptos para a aventura da vida (Morin, 2015, p. 68).

Nesse contexto, a educação assume um papel central na formação de indivíduos aptos a lidarem com os desafios da vida de maneira mais abrangente e consciente. No entanto, o modelo educacional atual tende a fragmentar os conhecimentos em disciplinas isoladas, negligenciando sua interligação e, conseqüentemente, afastando-se da realidade vivida pelos estudantes. Esse distanciamento resulta em um conhecimento superficial e descontextualizado, incapaz de proporcionar uma compreensão holística dos problemas enfrentados pela sociedade. Estou de acordo com a percepção de Morin (2013, p. 104) quando analisou este contexto:

Vivemos sob a influência de um pensamento disjuntivo (que separa e que é separado) e de um pensamento redutor (que reduz o complexo ao simples). Em razão disso chegamos a um ponto em que a organização disjuntiva do conhecimento científico e técnico produz conhecimentos fragmentados e separados que impedem sua associação em conhecimentos fundamentais e globais; daí se origina o paradoxo de um conhecimento que produz mais cegueira do que lucidez.

Por isso, para promover mudança efetiva no sistema educacional, é imprescindível romper com o modelo atual, que tende a fragmentar o conhecimento em disciplinas isoladas. É necessário buscar uma abordagem que integre os diversos saberes, permitindo uma visão mais ampla e interdisciplinar da realidade. Morin (2013, 2015), em suas obras, ressalta a importância desse processo, enfatizando que a superação da fragmentação do conhecimento é fundamental para uma compreensão mais abrangente e profunda dos desafios enfrentados pela sociedade. Em sua visão:

A fragmentação e a compartimentalização do conhecimento em disciplinas não comunicantes tornam inapta a capacidade de perceber e conceber os problemas fundamentais e globais. A hiperespecialização rompe o tecido complexo do real, o primado do quantificável oculta a realidade afetiva dos seres humanos. Nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais. Nosso modo de pensamento mutilado conduz a ações mutilantes (Morin, 2013, p. 183).

Essa ruptura com o modelo educacional tradicional implica em estimular a reflexão crítica entre os estudantes, incentivando-os a questionar, analisar e contextualizar as informações de forma integrada. Ao invés de apenas memorizar dados isolados, os alunos são encorajados a conectar os conhecimentos de

diferentes áreas, promovendo uma compreensão mais dialógica e significativa da realidade.

Uma das propostas de Morin (2013) é a ideia de uma “Nova Via”, que busca integrar aspectos opostos, como globalização e desglobalização, crescimento e decrescimento, desenvolvimento e envolvimento. Essa nova abordagem requer políticas públicas e a participação ativa da sociedade civil para promover mudanças efetivas no sistema educacional.

Mais profundamente ainda, a consciência da necessidade vital de mudar de via é inseparável da consciência de que o grande problema da humanidade nunca deixou de ser o da situação, com frequência miserável e monstruosa, das relações entre indivíduos, grupos, povos. A questão muito antiga da melhoria das relações humanas, que suscitou tantas aspirações revolucionárias, tantos projetos políticos, econômicos, sociais, éticos, de agora em diante encontra-se indissolivelmente vinculada à questão vital do século XXI, que é a da nova Via e a da Metamorfose (Morin, 2013, p. 49).

Além disso, é essencial considerar que todo progresso traz consigo tanto avanços quanto regressões. Portanto, é necessário um olhar crítico e consciente sobre as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas que ocorrem no mundo. Nas palavras de Morin (1986, p. 325),

Não se trata, aqui, de substituir a ideia de progressão pela de regressão, isto é, substituir uma simplificação mutiladora por outra. Trata-se, pelo contrário, de considerar, enfim, na sua complexidade, a ideia de progresso. Para isso, é preciso destruir a ideia de um progresso simples, garantido, irreversível, e considerar um progresso incerto na sua natureza, e que comporte regressão no seu próprio princípio, um progresso atualmente em crise em cada sociedade e, evidentemente, no planeta em seu conjunto.

Para ilustrar essa complexidade, podemos citar o exemplo das mudanças ocorridas no ensino ao longo dos anos, que refletem rearticulações diversas em resposta às demandas da sociedade. No entanto, é crucial examinar de perto os efeitos colaterais dessas mudanças. À medida que a pressão por resultados e eficiência aumenta, corre-se o risco de intensificar a exploração dos recursos humanos envolvidos no processo educacional.

Professores, alunos e funcionários muitas vezes enfrentam cargas excessivas de trabalho, expectativas irrealistas e falta de apoio, o que pode levar a problemas de saúde mental, desmotivação e, até mesmo, desvalorização da profissão docente. Mais uma vez concordamos com Morin (1986, p. 323), “Toda sociedade vive não só

de vida, mas também da morte de seus indivíduos. Assim, não há nem progresso definitivamente adquirido, nem progresso que seja apenas progresso, nem progresso sem sombra. Todo progresso corre o risco de degradar-se”.

Além disso, as transformações no sistema educacional podem gerar conflitos intermináveis entre diferentes partes interessadas, como pais, educadores, governantes e empresas. Divergências sobre currículos, métodos de ensino, financiamento e objetivos educacionais podem resultar em disputas prolongadas e desgastantes que recorrentemente prejudicam o foco principal: o bem-estar e o desenvolvimento dos alunos.

Portanto, enquanto buscamos melhorar e adaptar constantemente o sistema educacional, é essencial considerar não apenas os benefícios potenciais, mas também os impactos negativos que essas mudanças podem trazer. Um equilíbrio cuidadoso entre inovação e responsabilidade social é fundamental para garantir que a educação continue sendo uma ferramenta de progresso e de emancipação para todos os envolvidos. Sempre com uma visão estrutural e complexa. Acerca disso Morin (1986, p. 326) ponderou:

Não é absolutamente certo, é apenas provável que nossa civilização marche para a autodestruição e, se houver autodestruição, o papel da política, da ciência, da tecnologia e da ideologia será capital, ao passo que a política, a ciência, a tecnologia, a ideologia, se houvesse conscientização, poderiam salvar-nos do desastre e transformar as condições do problema.

Diante desse contexto, a religação do conhecimento torna-se uma necessidade vital, social e ética. É preciso reconhecer as inúmeras incertezas que permeiam o conhecimento, o futuro e as relações humanas, iniciando uma compreensão ética que valorize os vínculos sociais e as liberdades individuais. Para construir um conhecimento pertinente e interligado, é necessário promover uma abordagem que integre os diferentes saberes e estimule a reflexão crítica, em busca de uma compreensão mais ampla e contextualizada da realidade.

Creio que esteja evidente que, diante das constantes transformações nos âmbitos social, cultural, econômico e político, torna-se cada vez mais imperativa a necessidade de promover religações que integrem e revitalizem os sistemas de ensino. Esse processo não se resume a uma busca por perfeição ou harmonia absoluta, mas a uma tentativa de reestruturação dos sistemas educacionais em prol de uma sociedade mais inclusiva, ética e solidária. Utópico!, alguns podem dizer.

Talvez sim, mas se não nos lançarmos à busca por respostas e “novas vias” nos acovardaremos na aceitação do “mais do mesmo”. É no presente que devemos investir nossas forças, afinal, “o conhecimento do presente é necessário para o conhecimento do futuro, que é necessário para o conhecimento do presente” (Morin, 1986, p. 310).

Morin (1986) destaca a importância da religação como um ato vital que envolve não apenas a regeneração dos sistemas educacionais, mas também a renovação das mentalidades individuais e coletivas. Esse processo requer uma profunda reflexão sobre si mesmo, uma vez que a compreensão ética e a integração social são fundamentais para enfrentar os desafios da complexidade contemporânea.

A respeito das rupturas e religações, Morin (2005) em seu livro *O método 6: Ética* enfatiza que a religação é um ato individual em que o conhecimento complexo envolve a ética. Com a chegada das novas tecnologias e ferramentas, o indivíduo parece não valorizar mais os princípios morais, a cultura, as crenças e valores éticos que envolvem uma sociedade. Estas fontes, sejam elas, individual, coletiva, biológica ou não estão no indivíduo, e em sua qualidade de sujeito. Em sua visão:

As fontes da ética também são naturais no fato de serem anteriores à humanidade; o princípio de inclusão está inscrito na auto-sócio-organização biológica do indivíduo e se transmite por via genética. As sociedades mamíferas são, ao mesmo tempo, o enfrentamento conflitual dos egocentrismos e a solidariedade em relação aos inimigos exteriores. Comunitárias na luta contra a presa ou o predador; rivais, sobretudo entre os machos, nos conflitos pela primazia, pela dominação, pela posse das fêmeas (Morin, 2005, p. 22).

A religação é uma necessidade vital, social e ética para que os indivíduos se realizem. Os efeitos de um ensino compartimentado e fragmentado leva a situações prejudiciais a toda humanidade. Para que ocorra um conhecimento interligado é preciso reconhecer que existem inúmeras incertezas, do conhecimento, do futuro irremediável, das relações humanas e das incertezas éticas. Iniciar uma compreensão ética é revelar que quanto maior for a complexidade social, maiores serão os vínculos sociais e as liberdades.

Morin (2009) ressalta que a transdisciplinaridade só se torna eficaz quando acompanhada por uma reforma do pensamento. Isso implica substituir uma visão fragmentada e unidimensional por uma abordagem mais integrada e dialógica,

capaz de reconhecer as interações e interdependências entre os diversos fenômenos. Daí que conclui:

A transdisciplinaridade só representa uma solução quando se liga a uma reforma do pensamento. Faz-se necessário substituir um pensamento que está separado por outro que está ligado. Esse reconhecimento exige que a casualidade unilinear e unidimensional seja substituída por uma casualidade circular e multirreferencial, que a rigidez da lógica clássica seja corrigida por uma dialógica capaz de conceber noções simultaneamente complementares e antagônicas, que o conhecimento da integração das partes ao todo seja completado pelo reconhecimento do todo no interior das partes (Almeida; Carvalho, 2009 *apud* Morin, 2015, p. 20).

Uma das bases dessa reforma de pensamento é a compreensão da complexidade e da contextualização dos fenômenos. Morin (2015) argumenta que o pensamento contextual busca compreender as relações entre os diferentes elementos de um sistema, reconhecendo a diversidade e a unidade presentes em todas as interações. Nesse sentido, a ética desempenha um papel fundamental ao promover a integração e o respeito pela diversidade humana. É por meio da conscientização sobre a interdependência e interconexão de todos os seres que se fortalecem os laços sociais e se cria uma comunidade mais coesa e solidária. Estou de acordo com ele quando analisa:

O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as interretroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, interrelações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismo e que, simultaneamente, os regula), que respeita a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade (Almeida; Carvalho, 2009 *apud* Morin, 2015, p. 21).

No entanto, enfrentar os desafios da religação e da integração não é tarefa fácil. O atual sistema educacional, pautado na fragmentação e na compartimentalização do conhecimento, tem produzido indivíduos incapazes de compreender e resolver os problemas complexos da sociedade. Por isso, sublinhamos, mais uma vez, que é necessário repensar os modelos educacionais vigentes e buscar formas de superar essa fragmentação. Isso implica não apenas uma reforma estrutural dos sistemas de ensino, como também uma mudança de mentalidade, que reconheça a importância da interdisciplinaridade e da integração

dos saberes. Morin (2005, p. 104) me ajudou a enxergar esse cenário quando sentenciou:

Nossa civilização separa mais do que liga. Estamos em déficit de religação e esta se tornou uma necessidade vital. Não é somente complementar ao individualismo, mas também uma resposta às inquietações, incertezas e angústias da vida individual. Por termos de assumir a incerteza e a inquietude e por existirem muitas fontes de angústia existente necessitamos de forças que nos amparem e unam. Precisamos de religação, pois estamos numa aventura desconhecida. Devemos assumir que estamos aqui sem saber a razão. As fontes de angústia existentes levam-nos a necessitar de amizade, amor e fraternidade, os seus antídotos.

Nesse sentido, devemos começar por reconhecer a interdependência entre as partes e o todo, tanto no contexto educacional quanto na sociedade em geral. Isso implica entender que a fragmentação do conhecimento limita nossa capacidade de perceber e resolver problemas complexos. Em outras palavras,

Todas as partículas que interagiram no passado estão religadas de maneira infratemporal e infra-espacial, como se o universo fosse sustentado por uma religação invisível e universal. [...] De um lado uma extraordinária força de separação mais forte do que todas as forças de atração; do outro lado, uma extraordinária força de religação que mantém a união na dispersão e conecta de maneira inacreditável todos os elementos do universo. Daí o paradoxo inconcebível: tudo o que está ligado está separado; tudo que está separado está ligado (Morin, 2005, p. 38).

Ao refletir sobre essa problemática, elenco e desdubro brevemente cinco possibilidades (que não são novidades) as quais podem ajudar na transmutação da crítica teórica à fragmentação do ensino em *práxis*, isto sem desconsiderar os desafios para tal implantação: 1) Interdisciplinaridade Ativa; 2) Aprendizado Baseado em Problemas; 3) Currículo Flexível e Contextualizado; 4) Formação de Professores; 5) Incentivo à Curiosidade e à Reflexão.

A primeira *práxis* é a Interdisciplinaridade Ativa. A promoção dessa prática envolve a implementação de atividades e projetos que busquem integrar diferentes disciplinas de forma prática e concreta. No entanto, é importante reconhecer que essa abordagem enfrenta diversos desafios e limitações no contexto educacional atual. Ao propor projetos interdisciplinares, é necessário considerar não apenas a integração superficial de conteúdos de diferentes áreas, mas também a criação de

atividades significativas que estimulem os alunos a explorar as conexões entre os diversos campos do conhecimento de maneira crítica e reflexiva.

É importante ressaltar que a interdisciplinaridade ativa requer um investimento significativo de tempo, recursos e esforços por parte dos educadores e instituições de ensino. Além disso, ela enfrenta resistências e barreiras institucionais, como a rigidez dos currículos e a falta de apoio administrativo para a implementação de práticas inovadoras. Outro desafio é garantir que os projetos interdisciplinares sejam verdadeiramente inclusivos e acessíveis a todos os alunos, levando em consideração suas diferentes habilidades, interesses e *backgrounds* culturais. Isso requer um planejamento cuidadoso e uma abordagem diferenciada para atender às necessidades individuais de cada estudante.

Além disso, é importante ter em mente que nem todos os temas e áreas do conhecimento se prestam igualmente à integração interdisciplinar. Certos assuntos podem ser mais facilmente abordados de maneira isolada, enquanto outros exigem uma abordagem mais complexa e dialógica. Apesar desses desafios, a interdisciplinaridade ativa oferece uma oportunidade valiosa para os alunos desenvolverem habilidades essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas e trabalho em equipe.

A segunda *práxis* é o Aprendizado Baseado em Problemas (ABP). Uma abordagem que ganhou destaque nos últimos anos como uma forma de promover uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. No entanto, sua implementação enfrenta uma série de desafios e limitações no contexto educacional.

Embora o ABP possa oferecer aos alunos uma oportunidade de aplicar o conhecimento de forma prática, frequentemente é difícil encontrar problemas reais que sejam relevantes e acessíveis para os estudantes. Além disso, a identificação e a formulação de problemas autênticos requerem um investimento significativo de tempo e recursos por parte dos educadores. Outro desafio é garantir que os problemas propostos sejam suficientemente desafiadores para engajar os alunos, mas não tão complexos a ponto de causar frustração e desmotivação. Encontrar o equilíbrio certo pode ser uma tarefa complicada, especialmente em turmas heterogêneas com diferentes níveis de habilidade e experiência.

Além disso, o sucesso do ABP depende em grande parte da habilidade dos educadores em orientar e facilitar o processo de resolução de problemas. Isso exige

uma formação adequada e contínua dos professores, bem como um ambiente de aprendizagem que valorize a experimentação, a colaboração e a reflexão.

Apesar desses desafios, o ABP pode ser uma ferramenta poderosa para promover uma aprendizagem mais ativa e significativa. Ao enfrentar desafios do mundo real, os alunos têm a oportunidade, assim como na Interdisciplinaridade Ativa, de desenvolver habilidades essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas e trabalho em equipe. No entanto, sua implementação bem-sucedida requer um compromisso contínuo com a melhoria da prática pedagógica e o apoio institucional adequado.

A terceira *práxis* trata-se do Currículo Flexível e Contextualizado. Sem dúvida, essa abordagem é desafiadora e complexa para a reforma educacional. Embora a ideia de adaptar o currículo para torná-lo mais relevante e alinhado com os desafios globais e locais pareça promissora, sua implementação enfrenta uma série de obstáculos práticos e estruturais. Em primeiro lugar, a definição de temas relevantes e atuais pode ser subjetiva e controversa, especialmente em contextos diversificados e multifacetados. O que é considerado relevante para alguns pode não ser para outros, isso pode gerar conflitos e resistência à mudança por parte de diversos atores educacionais.

Além disso, a inclusão de temas globais e locais no currículo pode exigir uma revisão substancial dos materiais didáticos, metodologias de ensino e avaliações existentes. Isso demanda tempo, recursos financeiros e capacitação adequada para os professores que, via de regra enfrentam limitações de infraestrutura e carga horária excessiva.

Outro obstáculo é garantir que o currículo flexível e contextualizado não se torne superficial ou fragmentado. A tentativa de abordar uma ampla gama de temas pode resultar em uma falta de profundidade e compreensão em áreas-chave de conhecimento, o que compromete a qualidade da educação oferecida aos alunos. Por conseguinte, a necessidade de alinhar o ensino com a realidade dos alunos pode ser complicada em contextos socioeconômicos e culturais diversos. Nem sempre é fácil identificar e atender às necessidades específicas de cada comunidade, especialmente em áreas rurais ou urbanas marginalizadas.

Apesar desses desafios, a busca por um currículo flexível e contextualizado é fundamental para garantir que a educação seja relevante e significativa para os alunos. Isso demanda um compromisso contínuo com a adaptação e a melhoria dos

currículos escolares, bem como uma colaboração estreita entre educadores, formuladores de políticas e comunidades locais.

A penúltima *práxis* é de máxima relevância: Formação de Professores. A formação de professores é um aspecto essencial, constatemente, subestimado na busca pela integração dos saberes no ambiente educacional. Capacitar os educadores para adotar abordagens interdisciplinares e contextualizadas em sua prática pedagógica carece de investimentos significativos em programas de formação contínua e desenvolvimento profissional.

Todavia, essa tarefa enfrenta uma série de desafios. Em primeiro lugar, muitos sistemas educacionais se deparam com restrições orçamentárias e falta de recursos para oferecer programas de formação de qualidade aos professores. Além disso, a própria estrutura e cultura das instituições de ensino, via de regra, resistem à mudança, tornando difícil a implementação de novas abordagens pedagógicas. Além disso, a formação de professores deve ir além do aspecto técnico e abordar questões mais amplas, como a reflexão crítica sobre as práticas educacionais existentes, a compreensão das necessidades específicas dos alunos e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais necessárias para promover um ambiente de aprendizagem inclusivo e colaborativo.

Outra adversidade é garantir que os programas de formação de professores estejam alinhados com as demandas e realidades locais. O que funciona em um contexto educacional pode não ser adequado para outro, e é importante adaptar os currículos de formação de professores para atender às necessidades específicas de cada comunidade. Ainda, a formação de professores deve ser um processo contínuo e em evolução, que deve acompanhar as mudanças na sociedade e no campo da educação. Isso exige uma abordagem flexível e receptiva, que valorize a aprendizagem ao longo da vida e encoraje os professores a se manterem atualizados e engajados em sua prática profissional.

Em suma, a formação de professores é um elemento fundamental na promoção da integração dos saberes no sistema educacional. No entanto, sua implementação eficaz demanda um compromisso sério e contínuo com o desenvolvimento profissional dos educadores, bem como uma abordagem colaborativa e adaptativa para enfrentar os desafios específicos de cada contexto educacional.

A quinta e última *práxis* é o Incentivo à Curiosidade e à Reflexão. Incentivar a curiosidade e a reflexão crítica entre os alunos é uma tarefa desafiadora no contexto educacional atual. Embora seja uma meta nobre, a implementação dessa *práxis* enfrenta uma série de obstáculos práticos e estruturais. Um dos principais desafios é a falta de recursos e tempo disponíveis para desenvolver atividades que estimulem a curiosidade e a reflexão. Muitas escolas esbarram nas limitações orçamentárias e infraestruturais que dificultam a realização de projetos de pesquisa ou atividades extracurriculares que promovam a investigação e a análise crítica.

O currículo escolar, muitas vezes, está sobrecarregado com uma grande quantidade de conteúdo a ser ensinado em um período de tempo limitado. Isso deixa pouco espaço para atividades mais exploratórias e reflexivas, que são essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de questionamento dos alunos. Outro obstáculo é a ausência de incentivo e reconhecimento por parte das autoridades educacionais e da sociedade em geral. Em muitos casos, as avaliações padronizadas e os resultados quantitativos são valorizados em detrimento das habilidades de pensamento crítico e análise. Isso cria uma cultura de ensino voltada para a memorização de fatos e informações, em vez de promover o pensamento independente e a resolução de problemas.

Também, o ambiente escolar, em muitos contextos, não é propício para o desenvolvimento da curiosidade e da reflexão. A hierarquia rígida e a falta de autonomia dos alunos podem inibir sua capacidade de questionar e explorar novas ideias. Além disso, a ênfase excessiva em avaliações e notas pode criar um clima de competição e ansiedade, que são incompatíveis com um ambiente de aprendizado aberto e colaborativo.

Por fim, incentivar a curiosidade e a reflexão crítica entre os alunos é uma meta importante, mas que enfrenta uma série de desafios práticos e estruturais. Para superar esses obstáculos, é necessário um esforço coletivo que envolva não apenas os educadores, mas as autoridades educacionais, os pais e a sociedade em geral. Somente assim poderemos criar um ambiente de aprendizado que verdadeiramente estimule o pensamento crítico, a criatividade e a curiosidade dos alunos.

A promoção da integração dos saberes no sistema educacional é um desafio complexo, porém, essencial para preparar os alunos para os desafios do seu tempo e espaço. As práticas interdisciplinares, como a Interdisciplinaridade Ativa, o

Aprendizado Baseado em Problemas e o Currículo Flexível e Contextualizado são fundamentais para superar a fragmentação do conhecimento e proporcionar uma educação mais propositiva. Mais que isso, é crucial investir na Formação de Professores para capacitá-los a adotar abordagens interdisciplinares e contextualizadas em sua prática pedagógica.

O estímulo à curiosidade e à reflexão crítica entre os alunos, por meio de atividades que promovam o debate e a pesquisa, contribui para desenvolver habilidades essenciais para a compreensão integrada dos temas abordados. Sabemos que não há nada de novo no que foi explicitado, mas é importante organizar e tecer reflexão crítica sobre os caminhos possíveis que podemos trilhar, à medida que repensamos nossa prática pedagógica e as estruturas que a compõe. Na visão de Morin (2013, p. 187),

O conhecimento deve saber contextualizar, globalizar, multidimensionalizar, ou seja, ser complexo. Unicamente um pensamento capaz de compreender a complexidade, não apenas de nossa vida, de nossos destinos, da relação indivíduo/sociedade/espécie, mas também da era planetária, pode tentar realizar um diagnóstico sobre o curso atual de nosso devir e definir as reformas vitalmente necessárias para mudar de via. Somente um pensamento complexo pode nos armar para preparar a metamorfose simultaneamente social, individual e antropológica.

Mais uma vez, reafirmamos que a reforma educacional é premente diante da crise no ensino, exigindo uma abordagem que integre saberes e promova uma compreensão holística. Para Morin (2013, p. 191), “A própria ideia de reforma reunirá as mentes dispersas, reanimará as mentes resignadas, suscitará proposições”. Não podemos ignorar os desafios práticos de implementação, mas é necessário agir com determinação para transformar o sistema educacional. Para superar essa lacuna, é essencial promover uma educação voltada para a vida, que una os conhecimentos dispersos em disciplinas e os relacione com a realidade cotidiana dos estudantes.

Uma abordagem pedagógica eficaz deve reconhecer a pluralidade dos sujeitos educacionais e valorizar a singularidade de cada um. Isso implica traçar estratégias que possibilitem uma aprendizagem significativa e transformadora, considerando as diversas experiências e realidades dos alunos. Foi essa a intenção ao elencar as cinco *práxis* ora descritas.

É fundamental repensar a forma como concebemos o conhecimento, reconhecendo sua natureza dinâmica e incerta. Devemos estar abertos ao diálogo e à reflexão crítica, cultivando a resiliência necessária para lidar com as adversidades e incertezas da vida. Mais uma vez, tomo emprestada a análise certeira de Morin (2013, p. 197), para quem,

É fundamental ensinar que o conhecimento implica riscos consideráveis de erros e de ilusões, mostrar quais são suas causas e quais podem ser suas consequências. Não se deve esquecer, tampouco, os limites do conhecimento: na verdade, é essencial mostrar que a mente humana tem limites, que a razão tem limites, que a linguagem tem limites. É preciso mostrar que os maiores avanços do conhecimento científico sobre a origem e o futuro do universo, sobre a natureza da realidade, desembocam no inconcebível.

Diante dos desafios impostos pela crise global, como vivemos na pandemia do coronavírus, é necessário agir com rapidez e flexibilidade para adaptar o ensino às novas demandas. Isso demanda uma reconfiguração do ritmo acelerado da vida e um retorno a práticas simples e significativas, como o convívio familiar e a valorização do contato humano. No entanto, não podemos perder de vista a importância de enfrentar as estruturas estabelecidas e as resistências à mudança.

A pandemia da covid-19, levou muitos professores e pesquisadores a repensar sobre esse novo momento histórico. No livro *É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus*, Morin (2020) destaca as consequências gerais da pandemia provocadas pelo Sarscov-2 e as diferenças quando comparadas com epidemias globais anteriores. O centenário escritor, declara que “esses acontecimentos perturbadores me transformaram e formaram” (Morin, 2020, p. 12). Diante de tantas transformações globais em períodos tão curtos de tempo, é preciso questionar o papel da educação na atual sociedade. “Precisamos tomar consciência do paradoxo que faz o aumento de nosso poder andar de mãos dadas com o aumento de nossa fragilidade” (Morin, 2020, p. 25).

Ao longo do livro, Morin (2020) compartilha algumas situações que causaram impacto significativos em sua formação pessoal, lembrando que nasceu ao final da última pandemia pela qual o planeta passou, também conhecida como a gripe espanhola. Para tanto, ele traça um panorama desse período pandêmico, suas consequências, seus prováveis desmembramentos futuros, principais situações que

possivelmente enfrentaremos e possíveis caminhos a serem tomados pela humanidade no pós-crise.

Com provocações ligadas à atual crise, a obra nos leva a uma reflexão sobre esse momento de tamanha incerteza e cheio de instabilidades, a qual exige um indivíduo mais humano, flexível e capaz de se adaptar às demandas da atualidade com crítica e consciência.

Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossa sociedade? Sabemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino bioecológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas (Morin, 2020, p. 22).

As várias lições desses momentos podem estimular reflexões germinativas para reafirmar as convicções acerca de uma consciência reflexiva em relação à capacidade de enfrentar os inúmeros desafios globais e a religação dos saberes. Uma reflexão profunda sobre as relações e suas desigualdades, o consumo desenfreado, o poder na mão de poucos e a fragilidade nas falsas certezas diante de situações desconhecidas que aparecem após desafios complexos. “A lição de me defender de quaisquer derivas, de manter em mim a vigilância crítica e autocrítica, de revisar minhas ideias quando sobrevenham novas experiências históricas” (Morin, 2020, p. 14).

A grande separação dos conhecimentos em disciplinas camufla inúmeros problemas, de modo que algo complexo pode aparentar ser simples, fazendo com que não consigamos enxergar as inúmeras armadilhas impostas por um sistema que sempre assume uma configuração de autenticidade, logo, é necessário que haja um pensamento crítico, além de uma análise dos diversos ângulos possíveis.

Esta compreensão nos aproxima de uma ética que respeita e integra a comunidade humana, criando uma compreensão que não apenas acumula informações, mas cria conhecimento que gera interconexão. Vale lembrar que todo ato ético é, na verdade, um ato de religação. Para tanto, é preciso o desenvolvimento de uma consciência em que o destino terrestre é comum, o que exige uma renovação mental, capaz de enfrentar os problemas diários da vida individual e social. A necessidade na mudança de vida leva a repensar o senso

crítico em relação ao próximo, à natureza e ao seu próprio corpo, bem como a mudança nas relações de uns com os outros.

O gasto de energia nessa direção possibilita a reforma ética do ensino com base no “bom viver”, cuja prática agrega-se à metamorfose da comunidade civil, para que tenha uma melhor vida na circunstância social e ambiental da qual pertencem. O modo como se vive se revela em necessidades diferentes de consumo, acesso e tecnologia, podendo reduzir ou prolongar a vida dependendo das reações das ações. Desse modo, é inegável a necessidade de repensar como e quais conhecimentos estão sendo compostos, visto que compor ciência é também gerar saúde e doença.

Ter consciência de que somos parte de um todo, e que estamos interligados com o mundo, nos leva a um comprometimento de uma ação coerente e ética, fortalecendo os laços de convívio, com isso, surge uma aliança social compatível. Morin (2020) nos indica caminhos para religar as partes que, por motivos diversos, sofreram rupturas causando problemas de entendimento do que é complexo, fazendo com que este fique imperceptível e de difícil interação do todo com as partes.

Os conteúdos compartimentados dificultam o entendimento e a resolução de problemas, impossibilitando a visibilidade do que é global e universal. Existe uma superabundância de saberes, mas, muitas vezes, estes se encontram fragmentados e dispersos. Não sabemos se a religação continuará a existir quando tudo estiver disperso, mas faz-se necessário que os seres humanos compreendam a sua missão no mundo.

Precisamos buscar uma nova via que promova o despertar das mentes e a construção de um futuro mais ético e solidário. Nesse sentido, Morin (2020, p. 22) realça que

Mudança de paradigma é processo longo, difícil, caótico, que esbarra em enormes resistências das estruturas estabelecidas e das mentalidades. É realizada num longo trabalho histórico ao mesmo tempo inconsciente, subconsciente e consciente. A consciência pode contribuir para o avanço do trabalho subconsciente e inconsciente. É aquilo em que acreditamos e aquilo que queremos fazer parte.

Assim, a reforma educacional deve ser encarada como um processo contínuo de transformação, que envolve não apenas a reorganização do sistema de ensino, mas também uma mudança profunda na forma como concebemos a educação e seu

papel na sociedade. Nesse contexto, os conceitos de Eros e Tânatos, mais uma vez, podem ser aplicados para entender as dinâmicas presentes no processo de reforma educacional.

Diante das transformações do mundo, da sociedade, da cultura, da economia e da política, as religações se tornam cada vez mais indispensáveis. Contudo, só é possível desenvolver o que é complexo por meio da integração, da renovação e da aceitação não apenas em prol de benefício próprio, mas do outro também. “O mesmo vale para as nossas sociedades, que se regeneram educando as novas gerações enquanto morrem as antigas [...] A vida resiste à morte utilizando a morte. Há ao mesmo tempo luta mortal e cópula entre Eros e Tânatos” (Morin, 2005, p. 34)

Não se trata de chegarmos a um nível de perfeita paz e harmonia, mas de buscar religar o bom ensino, o bom entretenimento e a boa sociedade, que abraça e compreende o diverso, com responsabilidade, consciência, solidariedade e ética pessoal. A ética individual é uma difícil arte de conhecer a si mesmo, pois, requer uma autoanálise e autocrítica a fim de compreender a si mesmo a ponto de reconhecer suas limitações e fraquezas, tal como a dependência do outro.

Sem dúvida, estamos em um jogo de forças entre integração e desintegração, organização e desorganização, uma dramática luta da religação contra a separação. Não podemos esquecer que a autocompreensão nos leva a entender a complexidade que é o ser humano e, também, nos ensina que cada mentalidade é forjada em função de suas práticas, ações, contextos culturais e sociais.

Os atos dos indivíduos são oriundos de uma determinada cultura e eles podem ser lícitos ou sagrados para uns e estranhos e impróprios para outros. Daí a necessidade de compreender e aceitar os critérios e códigos do outro, que podem ser diferentes do nosso, pois estes são critérios daquela cultura, e não seus. Por isso, é necessária a reforma do pensamento que gera um pensamento referente ao contexto e ao complexo.

O ensino a respeito da vida e da morte, da natureza e do pensamento humano, da união e desunião não deve ser entendido como inseparável, o que deve ser considerado é a superação da fragmentação e, conseqüentemente, a sua religação. É indispensável romper com o modelo tecnicista, que fragmenta o entendimento entre as partes mediante uma reforma de pensamento que consiga enfrentar e superar a crise, conscientizando as pessoas para que possam gerar uma educação reflexiva e com capacidade crítica.

É importante que a sociedade e o indivíduo consigam compreender que existe uma relação que integra as partes e o todo, e que há uma dependência integral entre o que une e o que desune, possibilitando uma conexão global. É necessário que o atual sistema de ensino promova uma interligação dos saberes para facilitar a visão do todo, das diversas partes que compõem o conjunto, superando, assim, a grande fragmentação que ainda persiste. Enfrentar a grande dificuldade de compreensão da humanidade é um desafio.

O conceito de Eros, como definido por Freud (1998), pode ser observado nos esforços para promover a integração dos saberes e a busca por novos caminhos na educação. Eros, representando a pulsão de vida, está presente na aspiração por uma educação mais significativa e contextualizada. Isso se manifesta na valorização da interdependência entre diferentes áreas de conhecimento e na promoção do pensamento crítico. A busca por uma abordagem que una os conhecimentos dispersos em disciplinas e os relacione com a realidade cotidiana dos estudantes reflete a tendência natural para a união e para a preservação da vida.

Por outro lado, o conceito de Tânatos também pode ser aplicado ao contexto da reforma educacional. Tânatos, a pulsão de morte, pode ser observado nas resistências à mudança e na aceitação do *status quo*. As estruturas estabelecidas e as barreiras institucionais representam obstáculos para a reforma educacional, refletindo a tendência para a agressão e a destrutividade. A resistência à implementação de práticas inovadoras e a rigidez dos currículos são exemplos de como Tânatos se manifesta no processo de reforma educacional.

A busca por reLigações nos sistemas de ensino envolve, portanto, um embate entre Eros e Tânatos. É imprescindível superar as resistências e enfrentar os desafios práticos e estruturais para promover uma educação mais integrada e significativa. Isso requer uma profunda reflexão sobre si mesmo, uma compreensão ética e a integração social, como ressaltado por Morin (2020). Nas palavras do referido autor, “O futuro imprevisível está em gestação hoje” (Morin, 2020, p. 22).

Assim, a aplicação dos conceitos de Eros e Tânatos oferece uma lente útil para compreender as dinâmicas presentes no processo de reforma educacional. Ao reconhecer e enfrentar essas dinâmicas, é possível avançar na construção de uma comunidade escolar capaz de preparar os alunos para as contingências da vida individual e coletiva.

O desafio está lançado. Estudos e pesquisas, sobretudo na área da complexidade, precisam desdobrar ainda mais o que tentei fazer ao longo desse percurso tortuoso. Sem dúvida, existem lacunas e muitas perguntas sem respostas no meu texto como um todo, mas a intenção de contribuir para educação por intermédio das minhas experiências falou mais alto e me trouxe até aqui. Me sinto realizada, mas não convencida de que é o fim, afinal, pretendo me aprofundar ainda mais no que comecei. Esse mestrado foi um *start* para que minha jornada se alinhe cada vez mais com a complexidade, sem deixar de lado minhas paixões: o futebol e a educação.

TERCEIRO TEMPO

O objetivo deste estudo foi investigar a interligação entre as experiências pessoais enraizadas na minha paixão pelo futebol e o potencial de aplicação dessas vivências. Assim, explorei a linguagem metafórica associada ao Eros e Tânatos, enquanto estratégia para evidenciar a complexidade na relação estudante e torcedor no processo ensino aprendizagem, para tanto, recorri aos princípios apresentados por Edgar Morin em sua epistemologia da complexidade.

É, portanto, com a compreensão de que os fios desses diversos saberes se entrelaçam para oferecer uma oportunidade de recomeços, de que cada sujeito apresenta um modo de pensar a realidade em função de suas vivências, de um olhar lançado sobre as potencialidades das interligações nas diversas áreas que me encontro ao concluir essa escrita.

As torcidas de futebol, assim como os alunos em seu processo educacional, devem ser vistas como algo interconectado, visto que existem diálogos e diversos saberes, sejam eles contemporâneos ou tradicionais, organizados ou não, eles convivem com os sentimentos de Tânatos interligados ao Eros constantemente, gerando transformação na vida de outros indivíduos, para que estes enfrentem os inúmeros desafios postos pelo mundo que se encontra em ininterrupta modificação.

Diante disso, foi possível compreender que práticas que religuem os saberes, valorizando a individualidade e criatividade, capazes de construir laços que unam os agentes ativos de qualquer raça, credo ou nação, sendo estes um poderoso instrumento de religação. A realidade é intrinsecamente complexa, logo é fundamental um ensino integrador e multidisciplinar para que seja possível compreender a natureza dos sistemas complexos que constituem uma educação incerta e imprevisível, mas que seja capaz de interconectar os sistemas e saberes.

REFERÊNCIAS

A ONDA. Direção: Dennis Gansel. Produção: Christian Becker. Alemanha, 2009. 107 min, col. Disponível em: Youtube, 15/05/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zG3TfjAhs30>. Acesso em: 28 set. 2023.

ALMEIDA, Maria da Conceição De. **Ciência da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento.** Natal, RN: EDUFRN, 2012

ARAÚJO, Genilson. **Torcedor morre após briga antes de jogo entre Flamengo e Vasco no RJ.** GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/10/22/briga-deixa-torcedores-feridos-perto-da-estacao-de-cosmos.ghtml>. Acesso em: 10 novembro, 2023.

BRUMANO, Daniel Antônio Castro. A luta entre Eros e Tânatos: uma interpretação social e política da teoria das pulsões de Sigmund Freud. **Das questões**, vol.14, n.1, fevereiro de 2002, p. 109-127.

CNN Brasil. **Casos de violência marcaram o futebol nas últimas semanas; relembre.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/casos-de-violencia-marcaram-o-futebol-nas-ultimas-semanas-relembre/>. Acesso em: 10 novembro, 2023.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

GLOBO. **Homens são espancados em briga de torcidas e um deles sofre traumatismo craniano.** Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/10/23/homens-sao-espancados-em-briga-de-torcidas-e-um-deles-sofre-traumatismo-craniano-videos-mostram-confusao.ghtml> Acesso em: 10 novembro, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento: uma desconstrução da história da paixão ocidental.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MAUSS, Marcel. As expressões obrigatórias dos sentimentos; relações jocosas e de parentesco. *In*: CARDOSO, de Oliveira, R. (org), **MAUSS**, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, - 23ª Edição, 2017.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade.** Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX (o espírito do tempo),** Rio de Janeiro: Forense, 1967.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus.** Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, - 1ª Edição, 2020.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. – 5.ed. - São Paulo: Cortez, 2009. 104 p.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, RS: Sulina, - 3ª Edição, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 5**: A humanidade da humanidade. A identidade humana. Porto Alegre, RS: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6**: Ética. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**, Rio de Janeiro: Nova fronteira, - 30ª Edição, 1986.

NASIO, Juan-David. **O prazer de ler Freud**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

RODRIGUES, Nelson. **FLA-FLU... e as multidões despertam!** Néelson Rodrigues e Mário Filho, organizado por Oscar Maron Filho e Renato Ferreira. - Rio de Janeiro, Ed. Europa, 1987.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco De. **Fazer alianças**: uma escolha determinante entre o protagonismo e a invisibilidade dos grupos organizados de torcedores de futebol no Brasil. Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/24536/1/TESE%20Eduardo%20Araripe%20Pacheco%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 13/10/2023

SUASSUNA, Ariano. Tribunal Superior do Trabalho. **Aula Espetáculo de Ariano Suassuna no TST**, Ariano Suassuna. YouTube, 09/05/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac&t=0s>. Acesso em: 03/05/2023

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**: Visitando jovens torcidas carioca. São Paulo, Annablume, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

ALBIN R. C. Lamartine Babo. **Dicionário Cravo Albin da Música popular brasileira**, 2002. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/lamartine-babo/>. Acesso em: set. 25.